

## O filho do Impostor- Joe Mogar

*Dickson apresenta-se no início como o típico ladrão que prefere trabalhar sozinho. No decorrer da história ele acaba se envolvendo com um gangster da pesada chamado Murdock, que tem um bando de safados trabalhando pra ele e que aperta o cerco em torno de Dickson até que este aceita fazer alguns trabalhos pra ele. Tem Mammie, uma mulher linda e de andar cadenciado, felino, que tenta envolvê-lo. Até que Dickson fica tentado, mas o coração dele começa a bater por outra... E no finalzinho do livro, duas surpresas: quem é Dickson na realidade e quem é Murdock.*

**Digitalização: Marina**

**Revisão: Lelê**

**Formatação: Marina**

### PRÓLOGO

O automóvel, um Bulck Sedan, modelo 58, pintado de negro, estava estacionado na calçada à direita da rua 20 em plena Manhattan Oeste. Hora: quatro e cinquenta da madrugada.

Dentro, apenas um homem com o chapéu abaixado sobre os olhos, contemplando os ponteiros do relógio luminoso do painel. Tinha um cigarro apagado na boca e não se atrevia a acendê-lo, apesar da vontade de fumar.

A imobilidade era aparente, já que junto ao freio, acelerador e embreagem, os pés se moviam nervosamente, parecendo acompanhar o tique-taque do relógio.

Os minutos passavam com desesperada lentidão para ele. Pouco mais de meia hora tinha se passado desde que parara o carro naquele lugar. Desde então, seus nervos passavam por uma dura prova.

O homem levantou a cabeça, afastando os olhos do relógio, a fim de examinar a esquina em frente. Começava a ficar impaciente. Aquele era o primeiro trabalho que fazia por ordem de Murdock, o homem que pagava mais que qualquer outro e sobre o qual ninguém sabia nada a respeito.

Nunca o vira, e, segundo ouvira dizer, ninguém o vira também, assim como também não conhecia os homens que o acompanhavam naquela noite, comprometidos na mesma tarefa.

Assim trabalhava Murdock e talvez por isso tinham conseguido agarrá-lo.

De repente, os olhos do homem brilharam em meio à escuridão reinante no interior do carro, enquanto soltava um profundo suspiro de alívio.



Eis que, dobrando a esquina, acabavam de aparecer quatro homens, de dois em dois, aproximando-se do carro com largas passadas. Colocou o motor em marcha e esperou que chegassem.

Não trocaram uma só palavra quando entraram no Buick. Apenas quando o carro arrancou o homem ao volante atreveu-se a romper o silêncio.

— Saiu tudo bem?

Um dos quatro deu uma risadinha.

— Como tudo de Murdock, Harris. Foi um trabalho bem feito, embora tivéssemos que derrubar o vigia. Mas não se preocupe, não foi coisa séria.

— Muito?

Os quatro homens ouviram a pergunta, mas fingiram ignorá-la. Bill Harxis, ao volante, mordeu os lábios e permaneceu calado, compreendendo a indiscrição que acabara de cometer.

Desviando-se do tráfego escasso e quase nulo, conduziu o Buick até a rua 52.

Estacionou no meio-fio, entre a Quinta e Sexta Avenidas e dois homens saltaram da traseira do carro, aproximando-se de um conversível vermelho com passos rápidos e elásticos.

Arrancaram imediatamente, perdendo-se pela Sexta Avenida enquanto Harris fazia o mesmo, dirigindo-se agora para Columbus Circle.

Uma vez lá, parou o carro em frente a uma cabine telefônica fechada. Os dois homens que ficaram com ele também desceram. Eles caminharam um quarteirão e depois subiram em um pequeno Austin cinzento.

Harris arrancou depressa, mas ainda teve tempo de ver' a direção que tomavam, coisa que pouco lhe importou, já que recebera sua parte.

Três mil dólares em notas pequenas. Pensando nisto, decidiu fazer a última parte do que fora programado para aquela noite.

Conduziu o Buick magistralmente por uns três quartos de hora e finalmente parou no fim de Madison Avenue. Desceu sem fechar as portas à chave, já que não a tinha, e afastou-se, andando pausadamente.

Desceu, puxou uma nota e quinze minutos mais tarde atingia a Rua 49.

Harris continuou caminhando por uns dois quarteirões, depois seguiu resolutamente para o Morris de dois lugares que deixara estacionado em frente ao número 7.008.

Entrou no carro e afastou-se na direção Oeste.

Todos do Departamento da Homicídios estavam em polvorosa naquela manhã. Em seu gabinete, a alta e forte figura do inspetor Don Murphy permanecia recostada numa grande poltrona forrada de couro vermelho escuro.

À sua frente estavam o Tenente Dick Jackson e o Sargento Ted Nolan, ambos pertencentes ao seu departamento, fitando-o com rostos sérios e impenetráveis.

Nenhum dos três falava.

Estavam pensando desde as seis da manhã, hora em que o telefone particular de Murphy tocara para anunciar-lhe que fora cometido o quinto roubo de joias daquele ano.

Era o que Murphy evocava naquele momento, lembrando-se de que pulara da cama rapidamente e fora para lá, a joalheria de Jeff Malçon & Irmãos, onde interrogara o vigia, o qual exibia um galo grande como um ovo de pomba no alto da cabeça.

Não conseguiu a menor pista com as declarações do homem. Quanto ao roubo, tinha as mesmas características do primeiro e dos demais. Total falta de indícios. Nem o mais leve

rastro dos ladrões que, por outro lado, naquela noite, podiam orgulhar-se de sua perícia e organização.

Repentinamente, Murphy sacudiu a cabeça, parecendo expulsar os pensamentos. Fitou os dois subordinados e disse:

— Não me espantarei se depois disso o FBI intervir. Jackson negou com a cabeça, antes de replicar:

— Não se pudermos provar que as joias não saíram do país.

— Mas sairão, disso não tenho dúvidas, Jackson. Pode ter certeza disso. Principalmente essas. Quase meio milhão de dólares em joias de fácil vendagem depois de desmontadas, sem que tenhamos a menor ideia de quem foi o autor da façanha. Prendemos vários suspeitos, inclusive dois "gangsters" que entraram no terceiro roubo, mas nenhum delas sabe de coisa alguma. Ninguém conhece o chefe supremo, o mandão. Conhecem apenas uma nota na qual ele indica o que devem fazer, até nos mínimos detalhes. Como vê, Jackson, nada sabemos. E o que é...

— Por que imagina que as joias sairão dos Estados Unidos? — perguntou Nolan, até então silencioso.

— É fácil deduzi-lo, Nolan. Como sabe, nós mandamos uma relação das joias roubadas aos prestamistas, casas de penhores e agiotas, isto é, a todos os lugares nos quais poderiam parar. Pois bem, até agora o resultado foi em vão. Por outro lado, o homem que se diz chamar Murdock conhece todos os nossos agentes. Esse é o fator principal do nosso fracasso.

— Um belo problema, Murphy, e de difícil solução. Um gesto desanimado desenhou-se nos lábios do outro.

— Sim — disse. — Não me espantaria se qualquer dia me pedissem que apresentasse minha demissão. Essa maldita imprensa... Como se não fosse o bastante o mau humor que reina aqui dentro.

— E o que podemos fazer?

A pergunta veio de Nolan. Depois veio a resposta e ao fim de um quarto de hora o trio começou a discutir. Quando a discussão parecia chegar ao seu ponto culminante, foi interrompida pela chegada de um policial que informou a Murphy que o chefe queria vê-lo.

O inspetor levantou-se da poltrona com um suspiro e caminhou até a porta. A voz de Jackson soou às suas costas:

— Boa sorte, Murphy.

— ??????????

Ô inspetor começou a andar pelo corredor, após fechar a porta às suas costas, pensando que precisava bastante dos votos formulados por Jackson.

## CAPÍTULO I

O homem pagou a despesa e levantou-se. O "barman" agradeceu e fez-lhe uma esplêndida reverência provocada pela gorda gorjeta. Peter Dickson saiu da Bar Manhattan, caminhando sem pressa.

Dickson andava pelos vinte e oito anos. Era alto e forte como um carvalho. Os ombros largos e a cintura estreita, juntamente com os musculosos braços e pernas, bem como a cor da pele, eram devidos à prática de esportes ao ar livre e exercícios diversos.

O cabelo era castanho, olhos pardos, muito escuros, quase negros. Fronte ampla, nariz reto, boca um pouco grande, de lábios delgados e quase sempre franzidos numa careta entre humorista e divertida.

O queixo quadrado projetava-se à frente, desafiante. Sua pessoa era arrogante.

Vestia um paletó de cheviote de corte impecável, calças de vinco bem passado, cinzentas, sapatos negros e brilhantes, camisa branca e gravata colorida.

Talvez fosse essa a única nota dissonante no traje, já que o chapéu, colocado levemente sobre a orelha direita, era tão impecável quanto as brancas meias de seda e o resto da indumentária.

Uma vez na calçada, Dickson acendeu um cigarro e, em seguida, olhou para os dois lados. Sorriu e continuou andando tranquilamente com os olhos fixos nos automóveis estacionados no parque.

Seu destino parecia ser um Alfa-Romeo modelo esporte, fabricado naquele mesmo ano, 1961.

E era, pois Dickson parou junto dele, fitando-o furtivamente, enquanto não perdia de vista as pessoas que enchiam a calçada, procurando encontrar algum rosto conhecido que o impedisse de fazer o que tinha em mente. Algum conhecido... Ou a polícia.

Mas não havia. Pensando se a chave de contato estaria ou não no carro, Dickson agora caminhou diretamente para o conversível. Olhou para dentro. As chaves estavam no lugar.

Suspirou e depois experimentou a porta. Estava fechada à chave. Olhou as outras, penduradas no volante e lançou um olhar em torno. Finalmente, decidiu-se.

Rodeou o carro inteiramente, parando na porta contrária. Estendeu o braço e o molho de chaves ficou ao seu alcance. Apanhou-o, deu nova olhada em torno e então experimentou a primeira chave.

Teve sorte, pois a pequena fechadura cedeu e Dickson abriu a portinhola. Sentou-se ao volante, ligou e segundos depois o Alfa-Romeo entrava velozmente na Quinta Avenida. Atrás dele, um automóvel da Brigada Volante o seguia. Dentro, três agentes e Dun Collins, um mago do volante, a dirigi-lo.

Dun não sabia do que se tratava. Tampouco perguntou coisa alguma nem fez a mínima objeção quando o inspetor Murphy disse, repentinamente:

— Vamos, Dun, é aquele Alfa-Romeo.

Calou-se e agiu, já que para isso estava ali há algumas horas, quando recebera apenas uma ordem: a de estacionar ali e esperar.

Finalmente entrava em ação e agora começava a correr. '

Na frente, Dickson percebeu o carro da Brigada Volante pelo espelhinho retrovisor. Curvou os lábios num sorriso zombeteiro e pisou no acelerador até o fundo.

O Alfa deu um salto e atravessou o sinal vermelho como um raio e o furioso apitar do guarda de trânsito. Em seguida precisou usar os freios, torcendo o volante para a esquerda, a fim de evitar que um enorme caminhão se chocasse com ele. Depois, virou bruscamente para a direita, esquivando-se de um carro de turismo por um fio.

Dickson ouviu os gritos do chofer do outro carro e sorriu, enquanto a sirena da polícia começava a uivar às suas costas.

O trânsito afastou-se para os lados da rua e Dickson regozijou-se com isso. A Brigada Volante ajudava-o com a sirena.

Em seguida, pensou que talvez fossem agarrá-lo, mas, antes disso, dar-lhes-ia uma corrida da qual se lembrariam por muito tempo. Atrás dele, os olhos de Dun brilhavam ao

volante, repleto de admiração pelo homem que dirigia o Alfa Romeo. Estava pensando que não era apenas ele o único excelente chofer existente em Nova Iorque.

Admirou-se ainda mais quando viu o automóvel fugitivo dobrar a próxima esquina sem diminuir a velocidade, entre um incrível chiar de pneus e xingamentos dos pedestres.

Dun afundou ainda mais o pé no acelerador enquanto deixava a sirena soar, subindo na calçada para executar um retorno sobre duas rodas. Depois, endireitou o volante e o carro milagrosamente recuperou o equilíbrio.

Agora Dickson se dirigia para a estrada Oeste 23. Dun torceu a boca. Percebia que, se o fugitivo alcançasse a estrada, jamais conseguiria alcançá-lo caso não o agarrasse antes em Nova Iorque.

Mas tal não se deu. Dickson nunca chegou à estrada Oeste 23. Muito antes, a desgraça, sob a forma de um monstruoso caminhão, abateu-se sobre ele.

O pesado veículo apareceu inopinadamente em esquina das ruelas adjacentes e bloqueou-lhe a passagem, não lhe dando tempo de aplicar os freios. Em seguida, sem precisar abrir as portas, pulou e começou a correr para o parque em frente.

Dun, o inspetor Murphy e o Sargento Nolan também saltaram da viatura e correram atrás dele, apitando sem cessar.

Dickson alcançou os jardins e enfiou-se por eles. Era um bom corredor e confiava nas próprias pernas. Mas, segundo parecia, estava de pouca sorte nesse dia. De repente, dois policiais surgiram à sua direita, certamente atraídos pelos apitos que ainda não tinham cessado.

Viram-no e foram até ele, demonstrando um zelo exemplar em cumprir o dever. Dickson provou aos dois que também tinha zelo, mas para conseguir escapar. O primeiro que se aproximou foi jogado ao solo com o seco golpe que lhe foi desferido.

O outro se virou com mais prudência. Fez menção de sacar a arma contra Dickson, mas não conseguiu. Este lançou-se sobre ele, agarrou-lhe a mão armada com a direita e com a esquerda assestou-lhe um feroz soco no estômago.

O agente baqueou, dobrando-se em dois e caindo para diante. A esquerda de Dickson voltou à carga, endereçando-lhe outro golpe bestial e lançando-o como um saco sobre o companheiro.

Mas Dickson perdera muito tempo naquilo. Dun, o inspetor e o Sargento já estavam chegando. Estavam junto a ele; às suas costas, à direita e à esquerda apareciam novos policiais. Também pela frente Dickson avistou o brilho de automáticas.

Só então deixou cair os braços, desalentado.

— Está bem, eu me entrego — disse. — Mas portem-se bem comigo.

Segundos mais tarde, o inspetor Murphy, com um sorriso de satisfação, colocou-lhe as algemas. Em seguida, foi levado e, no dia seguinte, compareceu ao 5.º Distrito, frente a um aborrecido juiz.

- É verdade que tentou roubar um automóvel?

— Não, senhor juiz.

O magistrado examinou-o com as feições alteradas ante aquele sorriso de suficiência.

— Quer dizer então que o Alfa-Romeo era seu?

— Não. Pedi-o emprestado. Há muito quero comprar um e por isso apanhei-o. Queria saber se funcionava bem. Depois eu o devolveria.

Um longo silêncio seguiu-se à frase, apenas cortado pela respiração do inspetor Murphy, o qual não lhe tirava os olhos de cima.

Dickson fingia não perceber, mas não era verdade. Tinha certeza de que logo sairia dali, mediante uma fiança qualquer. Mas enganou-se redondamente.

— O nome que usa agora é o verdadeiro? Dickson sorriu com importância, com um canto da boca.

— A polícia que prove o contrário, senhor juiz.

— Perguntei-lhe se. . .

— Já ouvi. Sim, meu nome é esse. Alguma coisa mais sobre o automóvel?

O juiz preferiu ignorar a pergunta e continuou, por sua vez. Mas, quando Dickson mencionou a fiança, Murphy pediu licença para intervir, coisa que foi imediatamente concedida.

Entre os ouvintes havia vários jornalistas e curiosos, os quais, durante o curso das perguntas e respostas preliminares, exibiam o descontentamento no rosto, já que aquilo, segundo parecia, prometia algo sensacional, mas estava se desenrolando de forma aborrecida e monótona.

Mas, desde que o inspetor Murphy tomou a palavra, seus olhos começaram a reluzir e os lápis correram velozmente pelos papéis.

Com habilidade, Murphy deu a entender que o indivíduo que se sentava no banco era mais perigoso do que parecia à primeira vista, e que a polícia se mostrava contrária à concessão de fiança.

Deixou a semente da dúvida em todos que o ouviam, fazendo com que o juiz negasse a fiança naquele momento, concedendo uma semana de prazo a Murphy, a fim de que apresentasse provas do que dissera.

Dickson deixou o recinto algemado entre dois policiais, diretamente para as celas do Departamento da Homicídios do 5º Distrito, onde permaneceria até a convocação de nova entrevista.

Contudo, Dickson não ficou na cela por muito tempo. Nem mesmo naquela noite.

As primeiras notícias da fuga dele foram informadas pelo inspetor Murphy, às três da madrugada daquela mesma noite. Antes de se apresentar, telefonou e um dos guardas esclareceu que de nada suspeitara do outro guarda apresentado apenas como Joe, quando lhe comunicara que sairia por alguns momentos a fim de comprar fumo no estabelecimento localizado em frente ao Departamento.

Vendo que o outro demorava, assomou à rua. O estabelecimento estava fechado, logo, imaginou que o pretense Joe tinha se afastado um pouco, a fim de adquirir o fumo em outro lugar.

Meia hora mais tarde começou a ficar impaciente e deu o alarme. Joe não apareceu. Parecia ter sido engolido pela terra. Depois, muito tempo depois, foram ver como estava o preso. Ficaram espantados ao perceber quem estava na cela, amarrado com um cinturão, um lenço enfiado na boca à guisa de mordação, vestindo as roupas de Peter Dickson: era o carcereiro chamado Joe!

Murphy vestiu-se apressadamente e se apresentou ao Departamento de Homicídios. Interrogou demoradamente todo o pessoal, mas nada pôde deduzir. O homem chamado Peter Dickson tinha se evaporado como fumaça.

Murphy fez a única coisa que podia fazer. Irradiou suas características pessoais, acrescentando que fugira disfarçado de carcereiro. Depois foi para o escritório, onde conversou com Jackson e Nolan por mais ou menos duas horas.

Com o novo dia, a imprensa de Nova Iorque alardeou o assunto de tal forma, que a notícia da fuga quase milagrosa de um homem qualificado como perigoso por toda a Polícia Metropolitana chegou aos mais afastados recantos.

O caso das joias veio à tona novamente e, com isso, começou a surgir um monte de perguntas - incognitas... Jornais importantes indagavam se aquele Dickson não seria um dos dirigentes daquela bem organizada quadrilha, apenas uma peça a mais ou um mero ladrão de automóveis.

Dickson não apareceu. Durante duas semanas a polícia andou à procura dele pelos lugares mais incríveis, mas não encontrou nem a mais remota pista. Isso não era de se estranhar. Ninguém, nenhum dos jornais sensacionalistas conseguira publicar uma só fotografia dele. Não a tinham, já que não era fichado.

Que aquilo fora um erro do inspetor Murphy estava claro como água. Era o que devia ter feito quando o prendera, mas agora era tarde demais.

Dez dias depois ninguém mais parecia lembrar-se de Dickson e a espetacular corrida num Alfa Romeo roubado e da não menos espetacular fuga do Departamento de Homicídios do 5.º Distrito.

O roubo a uma das melhores joalherias da Quinta Avenida veio substituí-lo. Tanto a imprensa quanto o público, bem como a polícia, interessaram-se por ele, parecendo esquecer Dickson definitivamente.

Contudo, outras pessoas que não o esqueciam...

## CAPÍTULO II

Um frio e irritante chuvisco caía sobre Nova Iorque há algumas horas. Portanto, nada havia de estranho na figura daquele homem que caminhava por uma ruela dos bairros extremos de Manhattan Oeste com o rosto coberto pelo chapéu e a lapela do abrigo completamente levantada.

O homem sabia para onde ia. Elaborara aquele plano há alguns dias e agora começava a pô-lo em prá-

tica. Podia ou não ser bem sucedido no que tentava, mas, segundo os próprios planos, o insucesso não entrava na história.

Caminhava um tanto curvado para frente, pelo centro da rua semiescura, suja e mal calçada, parecendo mergulhado em pensamentos, mas alerta com os cinco sentidos.

De vez em quando examinava os números das casas e volta e meia algum letreiro existente sobre as portas, sempre que havia algum poste para iluminá-los.

Finalmente, o homem parou. Pareceu vacilar um pouco, olhou para a direita e para a esquerda e então levou a mão à axila. A "Parabellum" alemã que guardava ali passou para o bolso do agasalho verde escuro com incrível velocidade.

Com a mão direita encostada à coronha, avançou para o portal escuro e malcheiroso.

Fitou o letreiro, agora mais de perto. Sim, era ali, naquela casa, no quinto andar. Entrou, soltando um suspiro. O edifício não tinha elevador e ele detestava escadas.

Tateando, chegou até ela e começou a subi-la pausadamente. Suspirou quando chegou ao primeiro pavimento e fez o mesmo ao chegar ao terceiro. A partir dali, começou a mover-se como um felino.

Os movimentos tornaram-se rápidos e em menos de três minutos atingiu o objetivo, a despeito da profunda escuridão reinante.

Parou num canto e procurou nos bolsos. Com o isqueiro na mão ficou à escuta, com o ouvido voltado para a escada. Nada, tudo em silêncio. Apenas o som monótono do gotejar nos telhados.

Não vacilou mais, certo de que ninguém o seguira até ali. Acendeu o isqueiro e procurou nas placas das portas. Logo apertou a cigarra de uma delas e ficou à espera.

Não demoraram muito a abrir. Ao fazê-lo, a luz proveniente do apartamento inundou-o e à escada. Apesar disso, o homem não pestanejou. Se o fizesse, seria apenas por causa da mulher de pé à sua frente,

— Boa noite — começou.

— O que procura aqui?

O desconhecido atirou o chapéu para atrás e os olhos negros da mulher examinaram as feições dele.

— Vi o letreiro lá embaixo e por isso subi.

A mulher não se afastava da porta, continuando a examiná-lo descaradamente, da cabeça aos pés.

Afinal pareceu gostar do aspecto do desconhecido e ele regozijou-se por não ter sido necessário puxar a mão direita do bolso do sobretudo.

— Entre — disse.

O homem obedeceu e ela fechou a porta. Em seguida, virou-se para fitá-lo, enquanto o desconhecido fazia o mesmo.

Frente a ele estava uma loura oxigenada, de olhos negros intensos e brilhantes. Alta, seios opulentos e pernas longas, as mais bem feitas que o homem já vira.

Tinha carnes firmes, boca vermelha e carnuda. Vestia um "negligée" de "nylon" transparente e um quimono caseiro por cima. Contudo, estava numa idade difícil.

A mais difícil para qualquer mulher, isto é, entre trinta a trinta e cinco anos.

Ela cortou os pensamentos do homem ao perguntar: — O que deseja?

— Lá embaixo há um letreiro dizendo que aluga quartos — sorriu, mas o sorriso parecia uma careta. — Quero um.

Ela tornou a fitá-lo dos pés à cabeça, enquanto ele estudava as belas pernas dela. A seguir, a mulher cravou os olhos de modo insistente na mão direita do desconhecido, ainda enfiada nas profundezas do bolso do sobretudo.

— De quem está fugindo, meu caro? — perguntou, de repente.

O desconhecido crispou o rosto numa careta e ela exibiu os dentinhos brancos e iguais num amplo sorriso.

— Uma pergunta direta demais, beleza — replicou com acento impessoal. — O que a faz pensar que estou fugindo de alguém?

A mulher riu alegremente, empinando-se sobre a ponta dos sapatos altos e estendendo os braços como uma gatinha preguiçosa.

Ao fazê-lo, procurou fazer com que o corpo roçasse o do homem, e, a seguir, tocou-lhe o rosto com as mãos, numa tentativa de enroscá-las no pescoço dele.

O desconhecido afastou-se rapidamente e ela riu de novo, agora ainda com mais alegria.

— Lamento não ser do seu agrado, querido — disse. Tornou a rir e acrescentou: — Por que não solta a artilharia e não conta tudo para a "Mammie"?

— É esse o seu nome?

— Não. Meu nome é Jana Tierrey, mas aqui todos me conhecem por "Mammie".

— E devem ser muitos, não?



Ela riu, segurando-o por um braço.

— Vamos, venha com "Mammie".

Levou-o até o "living". Sentou-se no sofá, estendendo as pernas em frente para o desconhecido sem o menor recato. Perguntou;

— E você, como se chama?

O homem não vacilou em responder:

— Jim Porter, beleza. Algo mais?

— Imagino que foi batizado há bem pouco tempo, não?

— Continua sendo indiscreta, beleza. Se não se calar, serei obrigado a beijá-la.

— Então continuarei falando. Alguma vez já lhe disseram que é um belo tipo de homem e que basta olhá-lo... Para que qualquer mulher perca a cabeça?

Não se pode dizer que a risada emitida pelo chamado Porter fosse alegre; pelo contrário.

— Bem, vai dar-me o quarto ou não?

— Talvez... — replicou ela. — Vamos, sente-se aqui e conte para "Mammie" o que você fez.

Ele continuou de pé, fitando-a com olhos brilhantes.

— Escute, beleza. Não posso ou não quero dizer-lhe nada. Você aluga quartos e eu quero um. Alugando-o ou não, minha história não interessa a ninguém. Certo? Por outro lado, aconselho-a a não procurar saber demais. Você não aguentaria.

À medida que falava, Porter aproximou-se dela e, enquanto o fazia, a mulher ia se recostando no encosto cheio de molejo do sofá.

Porter chegou junto dela. Olhou-a e estendeu a mão. "Mammie" nada fez para evitar que ele a segurasse pelo queixo. Tampouco afastou os lábios quando ele se inclinou sobre ela. Beijou-a e se afastou, alguns segundos antes que ela lhe passasse os braços pelo pescoço.

— Vai alugar o quarto para mim, "Mammie"?

— Ouça, querido — disse ela. — Não ando com muito boas relações com os "tiras", sabe? De vez em quando metem o nariz aqui e isso é bem aborrecido. Se você matou alguém, é melhor procurar outro lugar...

Ela foi interrompida pelo riso franco de Porter.

— Não, querida. Não é isso.. Qualquer dia desses eu lhe conto. E o quarto?

Ela fitou-o de modo especulativo. Depois mexeu a cabeça de um lado para outro, ficou de pé e movimentou-se com graça felina até ele. O "negligée" rosa de "nylon" cingia-se como uma luva às maravilhosas formas sob o tecido e foi a primeira vez em que Porter se viu obrigado a desviar os olhos dela para fixá-los em outro lugar mais de acordo com os propósitos ao entrar ali, e inteiramente contrários ao que desejava naquele instante.

— Vou arriscar-me, querido... Mas vou cobrar caro por ele, prevendo a hipótese de fecharem meu estabelecimento, já que, se isso acontecesse, "Mammie" demoraria pelo menos três meses para poder reabri-lo...

— Chega, "Mammie". Quanto?

— Dez dólares por dia. É muito, mas as circunstâncias são extraordinárias. . .

— Bico calado, menina, e pegue uma semana adiantado. Depois, se me interessar... Talvez fique mais um pouco.

Ela esticou a mão rapidamente, enquanto dirigia um olhar ávido para o grosso maço de notas que Porter carregava consigo.

— De passagem, pode interessar-se por mim, "Mammie". Você está muito só agora. Também precisa de um homem para o negócio, um sujeito forte como eu, por exemplo.

Algumas vezes é um hóspede que não gosta de pagar e... "Mammie" teria muito trabalho para consegui-lo, o que eu arranjaría facilmente.

— Vamos, beleza, mostre-me o quarto.

Ela começou a andar e Porter seguiu-a. Chegaram a um dos aposentos e "Mammie" entrou na frente, acendeu a luz e mostrou-o.

Era de reduzidas dimensões, mas estava limpo. Mobilado sem luxo, dava sensação de bem-estar. Porter relaxou os músculos, tirou o chapéu e jogou-o em cima da cama. Em seguida, o sobretudo foi parar no mesmo lugar. Depois, virou-se para "Mammie".

A mulher fechara a porta e recostara-se nela, espreguiçando-se sem o menor pudor, obrigando a leve transparência do "nylon" a distender-se sobre a forma ousada do busto alto e empinado.

Porter aproximou-se, olhos fixos nas brilhantes pupilas da mulher.

— Tem muitos hóspedes agora, "Mammie"? — perguntou.

Ela parou de ronronar para replicar, sem que os olhos perdessem o brilho, fazendo com que Porter julgasse verdadeira a primeira impressão.

Sim, "Mammie" estava atravessando uma idade difícil. . .

— Não, apenas três. Dois homens e uma mulher. Uma jovem de vinte anos mais ou menos. Muito simpática e com um corpo que corta o fôlego. Estou de olho nela.

— Por quê?

"Mammie" encolheu os ombros.

■— Não sei, mas parece ser de classe diferente da nossa. Sabe, a presença dela nesta casa me deixa com a pulga atrás da orelha. Também não sei onde trabalha nem quais são seus meios de vida.

— E dos outros sim, não?

Ela riu, jogando a cabeça para trás, exibindo uma nítida garganta aos olhos de Porter, que fez o máximo esforço para se controlar.

— Claro que sim, querido. Mas isso não deve preocupá-lo... São pessoas de confiança. Assim como "Mammie".

— Gostaria de saber até que ponto.

Ela arqueou as sobrancelhas, formando um arco perfeito. Bateu com as longas e sedosas pestanas e caminhou para ele, meneando o corpo malignamente.

— Desconfia de "Mammie"? Jura?

Porter ia responder, mas não pôde. "Mammie" agiu antes, enlaçando-o pelo pescoço com os braços bem torneados. Apertou-se contra ele e beijou-o.

As dúvidas de Porter derreteram-se como a neve sob o calor. Apertou-a pela cintura e correspondeu longamente à carícia. Depois, afastou-a e conduziu-a até a porta.

### CAPÍTULO III

Segurando-a pela cintura, abriu a porta e colocou-a fora do quarto. Fitou-a longamente, antes de dizer:

— Porte-se bem, querida — disse. — Porte-se bem para evitar complicações.

Com os olhos brilhantes, ela começou a ajeitar o cabelo em desordem.

— Portei-me bem, querido — disse. — Não acredito que te...

Calou-se, quando Porter fazia meia volta e, sem deixá-la terminar, fechou a porta e apagou a luz em seguida. Do lado de fora, "Mammie" ainda ficou por alguns minutos fitando a madeira da porta com os olhos brilhando de modo estranho.

Em seguida, contorcendo o corpo de deusa com ar felino, retornou ao "living". Estendeu-se no sofá com o pensamento em Porter e no telefone que descansava ao lado.

Esperou um bocado de tempo antes de resolver pegar o fone, enquanto Peter tirava os sapatos na solidão do quarto, refletindo em tudo que tinha acontecido em tão poucos minutos. Aquela perigosa mulher chamada "Mammie" desconfiava de alguma coisa?

Porter bem sabia que beijos significavam a morte para aquele que os recebia. Seria ele um dos predestinados a isso? Era o mais certo.

Era a conclusão a que chegara quando já ia para a porta, com a "Parabellum" metida no bolso do paletó do bem talhado terno cinza-escuro.

Abriu-a suavemente e deixou o aposento, encaminhando-se direto para o "living". Apesar de estar sem sapatos, Porter caminhava na ponta dos pés, parecendo fascinado com a réstia de luz que escoava por baixo da porta.

Aproximou-se o máximo que pôde e olhou pelo buraco da fechadura. "Mammie" estava estendida no sofá, fumando um cigarro. Novamente Porter admirou-a, agora sem que ela fizesse a menor pose, sabendo-se inteiramente sozinha.

Repentinamente, percebeu que ela baixou uma perna para o chão, a fim de estender a mão para o telefone.

Resolveu prestar mais atenção ao que ela fazia do que à maravilhosa anatomia dela.

Viu-a discar um número e pregou o ouvido à delgada porta. As palavras distantes, mas perfeitamente claras, chegaram até ele:

— É você, Madison?

Naturalmente Porter não ouviu a resposta do outro lado do fio, mas continuou interessado no que ela dizia.

— Ouça, preciso que você venha aqui.

— ... ?

— Sim. Um tipo muito forte e jovem, de uns vinte e sete anos. Parece um rapaz formidável. Mas "Mammie" não confia. . .

— ... ?

— Não, Madison. Não... Não sei quem é nem o que procura. Mas carrega uma arma enorme, a julgar pelo volume dentro do bolso do sobretudo.

— Sim... Pediu um quarto, **em ouro**. E então, você virá?

**E está nadando.**

— Amanhã? De acordo, Madison... Ah, ele disse que o nome dele é Jim Porter, mas acho que mentiu. E tome cuidado com ele. Esse Porter parece perigoso.

— ... ?

— Que chegue até onde puder para distraí-lo? — Porter ouviu-a rir. — Claro. Além disso, gostei do rapaz, mas temo a polícia. Por outro lado, não tenha medo, Madison. Vai ficar uma semana. Pelo menos foi o que pagou adiantado.

"Mammie" ainda ouviu por mais alguns minutos e depois, sem dizer uma só palavra, desligou o telefone. Porter viu como empinava o busto para respirar e pensou que ninguém melhor que ela poderia fazer isso com tanto orgulho.

Depois, afastou-se depressa do posto de observação assim que ela se espreguiçou em cima do sofá, como uma maligna e perigosa gata montês.

Alcançou o quarto sempre na ponta dos pés. Despiu-se, enfiou a arma debaixo do travesseiro e dormiu, tranquilo como uma criança. „ coisa estranha, sonhou com "Mammie", com o perfume e o feitiço dos braços dela.

\* \* \*

Madison apresentou-se quando todos almoçavam, sentados a uma mesa de noqueira, com "Mammie" à direita, um dos hóspedes à esquerda, outro à cabeceira da mesa e a Vênus morena em frente a ele.

Era tão bela e jovem que Porter evitou olhá-la... Pelo menos por hora. "Mammie" estava presente e esforçava-se para que ele não desviasse a atenção de sua pessoa.

Mas, mesmo assim, Porter pôde estudar com algum cuidado as feições e a pose dos homens que comiam com ele no mais completo silêncio.

Eram dois "gangsters". Disso não restava a menor dúvida. O mais baixo dos dois era moreno, de olhos pardos, e o outro, ruivo, de olhos negros.

Pela primeira vez sentiu-se satisfeito. E não era por "Mammie", se é que o acontecido entre os dois pudesse deixá-lo naquele estado. Era simplesmente porque caíra em meio à melhor companhia que poderia desejar.

A intuição não lhe falhara.

Foi naquele momento que Madison tocou a cigarra de entrada. "Mammie" levantou-se, sorriu com faceirice enquanto a Vênus morena lhe lançava um mal dissimulado olhar de desprezo e foi abrir a porta.

Da sala de refeições todos puderam ouvir as alegres exclamações de "Mammie", mas apenas Porter conhecia o verdadeiro significado.

Um minuto depois viu que o homem entrava, abraçando-a pela cintura com braço forte e musculoso. "Mammie" continuava rindo.

Só parou quando entraram na sala. "Mammie" olhou para todos e depois encarou os dois "gangsters", Joel Dixie e Larry Hume.

— Vocês dois já o conhecem, rapazes — e fitou Porter. — Só você que não, querido. Este é Bill Madison, um bom amigo e antigo cliente da casa. Este é Jim Porter, recém-chegado ao internato. . .

Porter levantou-se da cadeira, deparando-se com um rosto anguloso, cabelos meio grisalhos e olhos azuis extremamente gelados, tudo isto em um corpo fortíssimo, de ossos e músculos duros como granito.

Madison foi o primeiro a falar, estendendo-lhe a mão.

— Olá... Porter — e este percebeu a hesitação ao pronunciar seu sobrenome, — Folgo em vê-lo nesta casa de loucos.

— O mesmo digo eu, Madison. Acho que seremos bons amigos — mentiu, com todo o cinismo de que era capaz.

Ambos apertaram as mãos e Madison sentou-se do outro lado de "Mammie". Porter pensou que finalmente ela o deixaria em paz, mas enganou-se. A loura artificial deixou de prestar atenção em Madison e virou-se para ele de tal modo que Porter sentiu-se aliviado quando a refeição chegou ao fim.

I

Acendeu um cigarro e foi sentar-se numa das poltronas do "living", soltando baforadas de fumaça pelo nariz, deixando a porta inteiramente aberta.

Desejava apreciar a saída da Vênus morena, pois estava interessado em examinar como era de corpo e pernas. Afinal, desejava vê-la de pé, pois ao entrar na sala de refeições ela já estava sentada à mesa.

Mas Porter enganou-se. Madison veio interrompê-lo, entrando no "living" cinco minutos depois dele.

Caminhou direto ao seu encontro e Porter enrijeceu como um fio suspenso, percebendo o inconfundível vulto que o outro carregava sob o paletó, no lado esquerdo.

Madison sentou-se sem parar de fitá-lo. Após uns cinco longos minutos de silêncio, resolveu finalmente falar.

— Creio que já o vi em algum lugar... Porter.

— Ah, sim? Por que não desembucha de uma vez, Madison?

O "gangster" examinou-o friamente e depois soltou uma leve risadinha.

— Você se acha um garoto esperto, não?

— Eu não. E você?

O outro semicerrou os olhos, fingindo por alguns segundos, e depois começou a falar o que pretendia:

— Sim — acrescentou. — Acho que já o vi em algum lugar, mas não consigo me lembrar onde foi. Péssima memória a minha, não, Porter?

Este se reclinou no encosto da poltrona e soltou uma espessa baforada para o teto.

— Desembuche de uma vez, amigo — disse, friamente.

O "gangster" abriu os olhos e olhou-o fixamente.

— Pois não. . . Porter — disse. — Agora consigo me lembrar. - Vacilou de novo e acrescentou, parecendo não dar importância ao fato: — Lembra-se de um sujeito chamado Peter Dickson? Os jornais de Nova Iorque falaram muito a respeito dele, dias atrás. Acho... Sim, acho que ele roubou um carro. Admirei-o, pois deu uma bela corrida naquele Dun, da Brigada Volante. Em seguida, escapou das garras dos "tiras". Pergunto-me onde estará ele agora.

Fitou-o nos olhos. O cinza acerado das pupilas estava mais frio do que nunca. Contudo, Porter pareceu não ligar, pois curvou os lábios num sorriso cínico.

— Sim — replicou. — Creio que li algo assim nos jornais. Por que se lembrou dele, Madison?

O "gangster" continuava a fitá-lo friamente. Sem desviar os olhos de Porter, replicou:

— Recordei-me dele por sua causa. Cheguei a pensar que fosse o tal. . . Peter Dickson... Que tolice, não?

Porter amassou o cigarro no cinzeiro e voltou a olhá-lo. Encarou-o, acentuando o sorriso cínico.

— Sim — replicou. — É uma tolice. Como pôde ter semelhante ideia, Madison?

Madison encolheu os ombros.

— Não sei — confessou. —> Mas, o que acha se voltarmos a falar sobre isso em outra ocasião?

— Acharia muito estranho, Madison. E aconselho-o a não se esquecer disso.

— Preciso falar-lhe, Porter. Alguém está interessado no que faz. Esta noite, às dez, estarei à sua espera na Rua 49, no número 2.008. É uma espécie de cabaré. Ali existem garotas, comida, bebida e diversões. Não falte. -

Madison se levantou. Agora os olhos de Porter pareciam brilhar mais.

— E se eu não for? — perguntou, em voz suave.

— Nesse caso, alguém, que não sou eu nem quem me mandou, poderá também ficar interessado nos movimentos de um homem que se diz chamar Jim Porter. Suponho que isso deve interessá-lo, não?

— Não pensei que o papel de delator lhe assentasse bem, Madison.

A resposta não se fez esperar. Levou a mão à axila, mas a voz de Porter, sempre fria, deixou-o imobilizado.

— Não faça isso, Madison. Pelo menos duas coisas poderiam acontecer-lhe. A primeira é que, antes de chegar a sacar, ter-lhe-ia enfiado uma bala no pescoço. A segunda é que talvez lhe partisse o braço de tal modo que nunca mais poderia usá-lo — fez uma pausa e ajuntou, suavemente, falando em tom cínico, pelo canto da boca: — Agora vou dizer-lhe algo mais. Meta-se com sua vida, se não pretende arrepender-se. Não tenho medo de você nem de ninguém. Nem de toda a polícia de Nova Iorque ou Chicago. Se eu sou ou não Peter Dickson, isso só diz respeito a mim, Está certo?

Um rápido e gracioso som de saltos altos interrompeu Porter, obrigando-o a virar-se em seguida. A Vênus morena caminhava para a porta.

— Demônios, que pernas! E que quadris!

Porter soltou a exclamação em voz baixa. Virou-se para olhar Madison quando ela já atingia a porta.

— Vou indo, Madison. Agora posso dizer-lhe sinceramente o quanto esta conversa foi interessante.

— Para o seu bem, peço-lhe que vá ao meu encontro, Dickson,

Porter, ou Dickson, nada replicou, Foi até a porta, lá chegando junto com "Mammie".

— Já vai? — perguntou ela, e Porter beijou-a suavemente.

— Até à noite, beleza — disse.

E desapareceu, sem dizer mais nada.

"Mammie" virou-se, encarando Madison que tinha se aproximado dela. Ofereceu-lhe os lábios e o "gangster" aceitou-os.

— O que acha disso? — perguntou ela, pouco depois.

— Ainda não sei, "Mammie".

— Reconheceu-o, não? Eu tinha razão.

— Sim. Lembra-se daquele sujeito que roubou um Alfa-Romeo e depois zombou dos "tiras" na próprias barbas deles?

— Não me diga que é ele.

— Acertou. Estive investigando por ordem de Murdock. Ao que parece, o chefe se interessa pelo rapaz. Disse que tem a cabeça para algo mais além de usar chapéu.

"Mammie" não respondeu. Aproximou-se dele com ares de gata e Madison abraçou-a pela cintura...

#### CAPÍTULO IV

O povo saía aos magotes do Palácio da Justiça de Nova Iorque, onde tivera lugar o julgamento de dois homens: Larry Tinker e Dave Feldon.

O trio, composto pelo inspetor Murphy, Sargento Nolan e o Tenente Jackson, estava reunido no "hall" do mesmo, junto a uma das gigantescas colunas de mármore.

O rosto do inspetor era o mais enfurecido dos três, fumando furiosamente há alguns minutos, com algo nos olhos indicando o ódio que o consumia.

— É incrível! — resmungou, afinal. — Nunca acreditaria.

Jackson soltou uma risadinha nada agradável.

— Muito menos eu, Murphy, Jamais pensaria que um pistoleiro de segunda ordem como Frank Logan. derrotasse nada mais nada menos que Chick S. Davidson.

Um longo silêncio seguiu-se a estas palavras, rompido finalmente por Nolan.

— Também eu não acreditaria, mas assim foi — fez uma pausa e afinal se atreveu a dizer o que pensava: — Parece que nosso caro promotor não quis aprofundar-se no assunto, dizendo apenas uma palavra ou outra durante a acusação. E ficou claro que Logari tirou bom partido disso.

Murphy mordeu o cigarro e depois o cuspiu no chão.

— Esses dois deviam estar em Sing Sing, e não em liberdade sob fiança. Nós os pegamos com a mão na massa, como se diz. Fizemos a acusação com todas as provas de que dispunham os... E agora eles estão rindo de nós. Acho que alguém vai pedir demissão da polícia. Deus! — explodiu, por fim. — Qualquer um acreditaria que todos nós fomos corrompidos!

Nenhum dos ouvintes replicou. Estavam olhando o povo, os jornalistas, advogados, enfim, todos que haviam acudido àquele julgamento que prometia ser sensacional.

Mergulhados em pensamentos, nenhum dos três percebeu a figura de um homem que tinha se aproximado até que o ouviram falar:

— Sei o que pensam a meu respeito, senhores — disse.

Todos viraram-se para olhá-lo.

Parado em frente a eles, com roupas elegantes, rosto juvenil e o alvoroçado cabelo louro escuro, estava Chick S. Davidson, promotor do distrito.

— E daí? — perguntou, vendo que nenhum dos três respondia à sua pergunta.

Murphy foi quem falou primeiro, replicando as primeiras palavras:

— Não acho que o senhor estranhe o que pensamos, não? — perguntou, secamente. — A estas horas, toda Nova Iorque estará se perguntando o mesmo. Veja as últimas edições dos jornais do tarde! Parece que estou vendo as manchetes. DOIS LADRÕES E PROVÁVEIS ASSASSINOS POSTOS EM LIBERDADE POR UM JUIZ INCOMPETENTE. O PROMOTOR CHICK S. DAVIDSON NÃO SE ATREVEU A ACUSAR. Essa será uma parte, e depois virá a outra. Começarão a fazer perguntas. Dirão se o senhor estará assustado a ponto de temer um nome que até agora não se sabe se é verdadeiro ou apenas um mito. Mas eu não sinto isso, promotor; lamento apenas que se voltem contra nós assim que o largarem.

O aspecto de Davidson era sumamente frio ao enfrentar os três membros do Departamento de Homicídios. O sorriso que até então mantivera nos lábios desapareceu por completo.

— Meu carro está aí — disse. — Subam. Iremos até a chefatura.

Murphy fitou-o de novo com renovado interesse nos olhos habitualmente inexpressivos. Virou-se para o

Ford de oito cilindros e seis assentos, pertencente à Seção de Homicídios e disse, secamente:

— Se tem algo a denunciar, pode vir no seu carro atrás de nós, promotor. Pode até mesmo vir no nosso. Escolha.

— Irei atrás, inspetor.

E sem nada mais dizer, encaminhou-se para o Opel Kapitan enquanto Murphy, Jackson e Nolan subiam no Ford.

Dün estava ao volante, com o rosto impassível fixo no tráfego. Mal os três entraram, deu partida e perguntou:

— Para casa, inspetor?

— Sim. E tome cuidado, Dun. Agora não estamos perseguindo ninguém. Não ligue a sirena. Não precisa.

Meia hora mais tarde estavam no começo da Rua 20 em plena Manhattan e dez minutos depois desciam em frente a um prédio de vinte pavimentos.

Murphy foi o primeiro a entrar. Segundos mais tarde S. Davidson o seguiu, acompanhado por Nolan e Jackson.

Os quatro entraram no elevador e cinco minutos mais tarde eles estavam sentados no gabinete do inspetor Murphy.

Durante vários minutos ninguém disse nada. Afinal, Murphy começou, encarando Davidson:

— Pois bem, promotor, o que desejava dizer para nós? — perguntou.

O promotor deu mostras de nervosismo. Depois, vendo os olhares dos três homens cravados em seu rosto, enfiou a mão no bolso interior do paletó e tirou a carteira. Abriu-a, procurou algo por alguns minutos e por fim pegou um papel, que estendeu para Murphy.

Antes de dar uma olhada ele já sabia da origem. Desdobrou-o e começou a ler em voz alta:

"Sr. Promotor do distrito: Seu filho está em meu poder. Será posto imediatamente em liberdade depois do julgamento contra Larry Tinker e Davls Feldon. Naturalmente, só o faremos se o senhor comportar-se bem. Murdock".

Murphy terminou de ler e cravou os olhos no rosto do promotor Davidson.

j— Então foi por isto, hein? Por que não deu parte à polícia?

Davidson suspirou.

— Não podia, inspetor. Veja. Esta manhã, quando saí de casa, deixei Muriel, minha esposa, e o menino... Enfim, estava tudo em ordem. Entende? Vim até aqui em meu carro particular. Entrando no edifício do Palácio de Justiça fui obrigado forçosamente a misturar-me ao povo. Portanto, não sei quando ou como o colocaram no bolso do meu paletó. Percebi o bilhete minutos antes de comparecer à sala do tribunal. Deve lembrar-se, inspetor, de que me atrasei um pouco. É porque telefonei para Muriel. Com efeito, o menino não estava mais no jardim. Custou-me muito deixar de dar parte. Agora...

— Já sabe se devolveram seu filho, promotor?

— Não... Não sei.

Com o dedo, Murphy apontou o telefone que havia a seu lado. Agradecendo, Davidson alcançou-o com mãos trêmulas e discou o número de casa.

Murphy prestou a máxima atenção aos monossílabos ditos pelo promotor, até que ele terminou de falar. Ao encara-lo, o inspetor percebeu que estava radiante.

— Murdock cumpriu a palavra, inspetor — declarou com ênfase. — Meu filho já está em casa.

— Alegro-me — replicou Murphy, secamente. — Agora, diga-me: foi por isto que não quis continuar com a acusação, pelo menos na forma prevista?

Davidson hesitou alguns segundos, antes de responder:

— Sim, inspetor. Tratava-se de meu filho. - Murphy ficou de pé e foi até a janela, Jackson e

Nolan seguiram-no nervosamente com o olhar. Falou sem se virar, sem mudar de posição, de costas, imóvel e rígido como uma rocha:

— Antes de ser eleito, prometeu muitas coisas, promotor — disse. — Depois jurou defender a ordem e a lei, mesmo às custas da própria vida — virou-se, fitando-o nos olhos. — O que fez foi covardia, promotor! Das maiores que um homem pode cometer!

O rosto do promotor ficou vermelho como um tomate.



— O senhor não tem filhos! — engrolou. — Por isso fala assim'.

Foi interrompido pela desagradável risada de Murphy.

— Quem lhe disse semelhante tolice? Foi Murdock? .— E depois, sem nenhuma transição, acrescentou: — Homens como o senhor podem fazer apenas uma coisa: apresentar demissão! Não foram feitos para o desempenho de cargos semelhantes. É o que espero que faça rapidamente.

O silêncio ficou pesado. Repentinamente, Davidson falou:

— Sei que não me acreditaria, inspetor, já que encara os fatos por outro ponto de vista, mas vou apresentar minha demissão. Mas não antes de conseguir acusar esse infeliz Murdock publicamente. Prenda-o, dê-me provas dos crimes dele e deixe o resto por minha conta! Agora vou pedir proteção ao governador para mim e minha família. Portanto, apresse-se, inspetor!

E saiu, batendo a porta com estrondo. Na porta da rua cruzou com o advogado Frank Nolan. A nota que este mostrou a Murphy era mais lacônica que a de S. Davidson, mas nem por isso menos ameaçadora. Dizia simplesmente: -"Sr. Nolan. Não deixe o promotor falar. Arranje-se como puder, se quiser conservar a vida. Murdock" .

## CAPÍTULO V

Dickson alcançou a estreita ruela quando a Vênus morena já chegava à primeira travessa. Não a distinguia bem, mas aquelas pernas que avistava por entre as diversas pessoas que caminhavam pela calçada deviam ser as dela. Outra coisa era sumamente impossível e Dickson apertou o passo, certificando-se, primeiro com um olhar disfarçado, se a "Parabellum" saía do coldre axilar com facilidade.

Chegou à esquina justamente quando ela pegava um táxi.

Soltou uma praga à meia voz, mas logo se tranquilizou quando avistou outro que vinha na mesma direção com a bandeira arreada.

Chamou-o, subiu e indicou o táxi que se perdia ao longe.

—Vao ganhar uma bela gorjeta se não perder aquele carro de vista, amigo.

O homem arrancou.

— Você é da polícia?'

Dickson riu-se intimamente, imaginando as estranhas ideias que tinham algumas pessoas.

— Nada disso — respondeu. — Trata-se de uma garota, sabe? Quero saber aonde vai. Sigo-a há dois dias. Estou apaixonado por ela e quero saber se é digna de ser dona do meu coração. Entende?

Para seu espanto, o chofer sorriu.

— De acordo, amigo — disse. — Vá preparando a gorjeta.

O táxi que conduzia a Vênus morena parou em Columbus Circle. Dickson ultrapassou-a, virando o rosto para outro lado a fim de que ela não o reconhecesse, caso olhasse naquela direção, pagou a corrida e desceu do táxi.

Olhou em torno. As pernas bem torneadas moviam-se para um prédio de aspecto imponente. {Dickson viu-a penetrar ali e saiu em seu encalço, sem saber por que.

Talvez porque as palavras ditas por "Mammie" continuassem ressoando continuamente em seus ouvidos: "Ela não é da nossa classe..."

Entrou. A morena de andar cadencioso e exótico estava entrando em um dos elevadores. Dickson fêz o mesmo em outro rapidamente e apertou o botão do último pavimento.

Passava pelo sexto quando percebeu que o outro, levando a morena, parou naquele pavimento. Esperou e, chegando ao sétimo, abriu a porta. O elevador parou, Dickon saiu e começou a descer a escada.

Viu-a então. Ela estava parada no meio do "hall" daquele pavimento, fitando indecisa as quatro portas que ali havia. Subitamente aproximou-se de uma delas.

Dickson viu como abria a bolsa, dali extraindo um molho de chaves. Introduziu uma na fechadura e abriu a porta. Só então terminou de descer a escada, aproximando-se.

Conteve a respiração ao grudar o ouvido à porta. Julgou distinguir o som do gracioso caminhar ao afastar-se da porta, mas nada mais ouviu.

Durante alguns minutos, Dickson ficou indeciso, perguntando-se se devia entrar, mas a curiosidade que sentia pela moça era maior que qualquer prudência.

Ao empurrar a porta, Dickson evocou novamente as palavras ditas por "Mammie", referindo-se a ela, e esse foi o estímulo que precisava.

Deu um passo à frente e atravessou a soleira, No mesmo instante, o teto do apartamento pareceu-lhe vir abaixo e Dickson perdeu os sentidos em meio a uma nuvem de estrelinhas das mais variadas constelações.

Ao seu lado ouviu uma respiração forçada, depois, um suspiro e, por fim, uma negra silhueta inclinou-se sobre ele na mais profunda escuridão. Uma mão fina, enluvada de negro, tomou-lhe o pulso. A seguir apalpou-lhe o coldre do ombro.

A mão desapareceu para tornar a sair quase em seguida, empunhando uma "Maxim" seis trinta e cinco. Durante um curto espaço de tempo, o negro olho da automática fixou-se na frente de Dickson, mas logo deixou de apontar.

Sim, porque a silhueta que o golpeará pensava se devia meter-lhe uma bala na testa ou avisar a polícia. Com certeza não fez nem uma coisa nem outra, já que quando a ameaça cessou, atravessou a porta e desceu as escadas depressa.

Um momento depois era engolida pelo imenso tráfego de Columbus Circle,

Dickson voltou a si duas horas mais tarde, com uma intensa dor de cabeça. A primeira coisa que fez foi levar a mão ao ombro, e a segunda, amaldiçoar aquela mulher que zombara dele com a mesma facilidade como o faria com uma criança.

Levantou-se em meio às trevas e bateu as paredes até encontrar o interruptor da luz.

Durante algum tempo piscou, inteiramente deslumbrado e depois olhou em volta. O apartamento era mobilado com gosto apurado e não havia ninguém nele.

Dickson movimentou-se, caminhando para o "living". Uma vez ali, rebuscou o móvel-bar, servindo-se de um bom trago de uísque escocês. Depois entrou no banheiro e refrescou a cabeça fervente.

Soltou um suspiro de alívio quando o fez. Mais calmo, começou a revistar o apartamento, empregando nisso uma estranha e febril atividade.

Quando Dickson retornou à rua eram nove da noite. Absorto, fitou os tubos de néon, os anúncios luminosos de Columbus Circle.

Segundo parecia, isto o fatigou em poucos minutos, já que pegou um táxi e mandou-o para o coração da Broadway. Em um dos luxuosos cabarés deixou-se envolver por uma fantástica ruiva com quem ficou bebendo e dançando até as dez da noite.

Nessa hora, Dickson despediu-se dela, pegou um táxi e deu o endereço:

— Para o número 2.008 da Rua 9, amigo.

Pagou a corrida e, já na calçada, ficou contemplando o jogo de luz formado pelas lâmpadas no letreiro do cabaré.

Dickson puxou o chapéu para o lado, atravessou a porta e entrou. Uma ruiva, com escassa roupa e mais curvas que todas as estradas da Europa reunidas, veio ao seu encontro, pedindo-lhe a roupa. Referia-se ao chapéu e sobretudo, claro.

O estabelecimento estava abarrotado. Havia uma infinidade de pares dançando ao compasso da música interpretada por um conjunto de negros. Dickson olhou em torno, procurando descobrir Madison.

Não demorou muito. O "gangster" dançava com uma bela mulher de cabelos acobreados e excitante silhueta. Dickson caminhou para o balcão e pediu um uísque. Pelo espelho, continuou a contemplar os bailarinos até que a música terminou.

Continuou bebendo lentamente, com os olhos fixos em Madison que agora conduzia a mulher para uma das mesas. Vendo-a desocupada, Dickson julgou, acertadamente, que o "gangster" a tinha reservado para aquela noite.

Antes que chegasse lá, Madison o avistou. Levou a mulher até a mesa, ajudou-a a sentar-se e depois se dirigiu ao balcão do bar. Fincou os cotovelos na madeira no mais completo silêncio.

Deixou que alguns minutos transcorressem, antes de falar:

— Sabia que viria, Dickson.

— Eu não contaria com isso, Madison. Refiro-me à certeza de eu ser esse Peter Dickson.

O "gangster" sorriu alegremente.

— Vi-o por ocasião do julgamento do roubo daquele Alfa-Romeo, Dickson — replicou. — Como vê, não tem escapatória. Não negue que seria inútil.

Dickson respirou fortemente.

— Está bem, Madison — admitiu. — Sou Dickson. Que, demônios, deseja de mim?

— Eu, nada. Mas tem quem se interesse por você.

— Sim?

Madison pegou-o pelo braço, afastando-o do balcão.

— Vamos até a mesa — replicou.

Dickson deixou-se levar. A formosa mulher levantou os olhos para fitá-lo e Dickson notou que eram verdes e muito grandes. Olhou os joelhos dela e qualificou-os como perfeitos.

Foi tirado do detido exame pela voz de Madison ao dirigir-se à mulher:

— Levante voo, beleza.

— Mas...

— Dê o fora, querida! Vejo-a depois. - Ela se levantou e disse a Dickson:

— Gostei de você, rapaz. Apareça de vez em quando. Quero verificar por mim mesma se todos os homens são tão grosseiros quanto Madison.

Este riu às gargalhadas e sentou-se enquanto ela se afastava, balançando os quadris.

Dickson sentou-se também, pegou a garrafa que havia sobre a mesa e encheu o copo que pertencera a mulher até a borda.

Olhou para Madison, mas nada disse. Foi ele quem quebrou o silêncio:

— Não gostaria de saber quem está interessado em sua pessoa, Dickson?

— Confesso que é algo que não me preocupa. - Madison soltou uma risadinha falsa e depois replicou:

— Murdock. Julgo que já ouviu falar dele. Dickson encolheu os ombros.

— De vez em quando os jornais dizem alguma coisa. O que ele quer comigo?

Madison ficou em silêncio por alguns instantes e depois acrescentou, enfático:

— Acho que você está com sorte, Dickson — falou. — Murdock deseja que você entre para o bando dele.

— Como sabe disso, Madison?

O "gangster" permitiu-se um sorriso de suficiência.

— Sei e isso basta. Qual é sua resposta, Dickson?

— Só vou responder quando você responder a uma pergunta, Madison. Você sabe quem é Murdock?

Madison riu, agora alegremente.

— Ninguém sabe. Ele paga e nada mais. Melhor que qualquer "boss" de hoje. Além disso, tem advogados e muito mais gente dependendo dele. Com Murdock, o risco para nós é relativo.

— E não sabe quem é ele?

— Não, nem quero saber. E, se quer um conselho, Dickson: ninguém vive muito tempo quando tenta fazer averiguações por conta própria nesse sentido. Murdock espera uma resposta para esta noite. O que devo dizer-lhe?

Dickson riu suavemente.

— Que não, Madison. Não gosto de fantasmas. Por outro lado, prefiro trabalhar sozinho.

— Como no caso do Alfa, Dickson? Se não me engano, aquilo terminou...

Dickson riu secamente.

— Aquilo não era o verdadeiro motivo, Madison. Precisei do Alfa apenas ocasionalmente. Ia... ia em busca de alguns milhares de dólares. Aquele caminhão um pequeno incidente que me atrasou na cobrança. Agora já os tenho em meu poder.

— Quer dizer que você fez o serviço totalmente sozinho?

Dickson riu de novo.

— Claro. Oito mil dólares, dos quais não tenho que repartir nem um centavo. Diga isso a Murdock, de minha parte. Se ainda lhe interessa, que entre em contato comigo, mas não por meio de um intermediário. Quanto ele lhe paga pelo trabalho?

— Mil dólares e uma percentagem sobre o produto. - Dickson franziu os lábios numa careta de desdém. — Continuo pensando que prefiro agir sozinho. - Madison não replicou de imediato, mas depois falou suavemente:

— Murdock não vai deixar você trabalhar em Nova Iorque, Dickson. Interessou-se por você e há apenas duas alternativas: com ele ou contra ele.

— Mande-o para o inferno ou diga-lhe para mostrar a cara. Isso é tudo, Madison. Se ele está mesmo interessado em mim, que faça uma oferta.

Madison perguntou:

— É sua última palavra? - Dickson fitou o "gangster".

— Ainda não sei, Madison. A última palavra pertence a Murdock. Repita para ele o que lhe disse, avisando-o também de outra coisa: que não faça brincadeiras comigo. Entendeu? Ele no terreno dele e eu no meu. Se ele me deixar em paz... Não vou fazer nada para descobrir quem ele é. Em Nova Iorque há lugar de sobra para dois sujeitos espertos como nós — terminou, em tom jactancioso, obrigando Madison a contemplá-lo cheio de estupor, já que não conseguia imaginar a existência de alguém capaz, entre o pessoal do crime, de falar daquele modo sobre Murdock.

Abriu a boca para dizer o que pensava, mas Dickson atalhou-o com um gesto.

— É melhor deixar as coisas como estão, Madison. Fale com Murdock e depois me conte o que houve. Agora preciso ir.

Dickson não esperou a resposta do "gangster" e muito menos pensou em pagar o que consumira. Desapareceu rapidamente.

## CAPÍTULO VI

Caminhou pela Broadway pensando em tudo aquilo, confundindo-se com os milhares de pessoas que circulavam daqui para ali, segundo as aparências, sem ordem ou sentido.

Continuou até a Rua 9 e pegou um táxi em frente ao Madison Garden.

Dickson acabava de se lembrar da Vênus morena e do golpe que levara na cabeça. Portanto, deu a direção da casa de "Mammie", reclinou-se no banco e começou a pensar.

Meia hora depois desceu do táxi em frente à porta. Acendeu um cigarro, atravessou-a e subiu.

Tocou a cigarra. "Mammie" abriu a porta, fechou-a atrás de si e passou-lhe os braços em volta do pescoço, oferecendo-lhe os lábios.

Dickson deixou-se levar e beijou-a, apertando-a contra si. Depois a soltou suavemente.

Ela respirou, procurando refazer-se e depois sussurrou:

— Não sei o que farei quando você se for, Jim — disse ela.

Dickson fitou-a de modo inquisidor.

— Quem lhe disse que meu nome é esse?

"Mammie" vacilou alguns segundos e replicou em seguida:

— Foi Madison, querido. Fiz mal em chamá-lo assim?

— Não. Não é isso, "Mammie" — mudou de assunto com alguma brusquidão. — Tem algo que eu possa comer?

— Claro, tolo! - Pensou que "Mammie" o deixaria com fome? Anda, venha até a cozinha.

Dickson seguiu-a, com o pensamento na Vênus morena.

"Mammie" parou junto à porta da cozinha. Virou-se inteiramente, numa revoada de rendas e saia curta, oferecendo-lhe os lábios.

— Beije-me, Jim — pediu, semicerrando os olhos. Dickson passou ao lado sem obedecer e ela franziu as bem delineadas sobranceiras.

Servindo-lhe a ceia, perguntou:

- O que há, Jim? Está aborrecido comigo? Por causa de Madison? Não faça caso, querido!

Dickson fêz um gesto dúbio e retrucou:

— Não é isso, menina. Madison e todo o bando dele pouco me interessam. É que... Estou com fome e cansado.

"Mammie" teve inteligência suficiente para não interrompê-lo enquanto comia. Com o cigarro pendurado a um lado da boca, Dickson levantou-se e foi até a porta.

— Vou descansar, "Mammie" — falou. — Providencie para que não me aborream.

Segurou-a pelo queixo e beijou-lhe os lábios úmidos e vermelhos, pensando que, afinal de contas, se fizesse "Mammie" apaixonar-se por ele, teria um tento a seu favor naquele jogo mortal em que se metera e onde tudo estava contra ele.

Subiu para o quarto sem que "Mammie" o acompanhasse. Dickson já sabia qual era o Vênus morena ocupava. Olhou para lá, percebendo que nenhuma luz escoava por baixo da porta.

Ficou indeciso alguns momentos, perguntando-se se ela já teria voltado ou se ainda estaria na rua. Refletindo que precisava ajustar contas com ela, o que não pretendia adiar de

modo algum, resolveu agir. Estava disposto a ajustá-las naquela mesma noite, se fosse possível.

Entrou no quarto dele e, como da primeira vez, tirou os sapatos.

Mas, Dickson não saiu em seguida. "Mammie" estava lá embaixo e poderia vê-lo. Aquilo despertaria nela uma torrente de ciúmes, talvez fingidos, mas, mesmo assim, ciúme. E "Mammie" era perigosa em todos os sentidos.

Era uma mulher de beleza explosiva e amiga de "gangsters" mais ou menos disfarçados, como Madison, por exemplo. O que ela estava querendo com ele?

Dickson formulou-se esta pergunta enquanto se deixava cair sobre a cama, onde acendeu um cigarro. Atirou-o fora ainda pelo meio, acendeu outro e fumou-o por completo.

Ao terminar, consultou a esfera luminosa do relógio de pulso. Eram onze e trinta da noite. Dickson levantou-se e, aproximando-se da porta, abriu-a com imenso cuidado, olhando para baixo. O "living" estava inteiramente às escuras. "Mammie" já devia estar na cama,

Dickson deslizou pelo corredor e alcançou o quarto onde dormia a morena de pernas espetaculares.

Frente à porta, pegou um molho de gazuas. Enfiou na fechadura a que lhe pareceu mais conveniente e, segundos depois, sentiu o ferrolho correr.

Atravessou a soleira na ponta dos pés e fechou a porta atrás de si. Depois acendeu um foco luminoso, apenas um fio de luz, mas suficiente para o que desejava.

Foi diretamente para o quarto, já que, ao invés de apenas um aposento, como imaginara a princípio, ele era composto de duas peças. Frente à porta do quarto, Dickson hesitou por alguns segundos. Empurrou-a suavemente e entrou, numa escuridão completa, mas sem soltar o foco de luz.

Apurou o ouvido antes de resolver acendê-lo. Quando o fez, já sabia o que encontraria. Nada. Simplesmente nada.

E assim era. A Vênus morena ainda não voltara.

Dickson tornou a fechar a porta do quarto, procurou uma das poltronas e sentou-se nela para esperar.

Esperou muito tempo. Tanto que por mais de uma vez se perguntou se, após golpeá-lo, a morena não resolvera dar o fora dali.

Mas às três e meia da madrugada ela chegou. Ouviu nitidamente quando abriu a porta da rua e, por alguns segundos, julgou que poderia ser Madison ou algum dos "gangsters" ali hospedados.

Até ouviu o gracioso caminhar dela.

Dickson entrincheirou-se então contra o encosto da poltrona, sustendo a respiração. Três minutos mais tarde ela meteu a chave na fechadura, deu a volta e entrou.

Dickson adivinhou a breve e felina silhueta na escuridão daquele aposento. Em seguida, este se inundou de luz.

Pestanejou algumas vezes e contemplou-a. Estava virada de costas e ainda não se dera da presença dele. Mais uma vez, Dickson admirou-lhe os quadris e as diabólicas curvas daquele corpo de deusa.

Suspirou. Foi algo que não pôde evitar. Ela se virou completamente, enquanto a saia rodada traçava uma perfeita circunferência.

Dickson fitou-lhe o rosto... E então se espantou, ao vê-lo tão de perto. Tinha razão para tanto, pois naquela manhã mal tivera tempo de lançar-lhe um rápido olhar durante o almoço, já que "Mammie" não lhe dava tempo para nada.

— Oh!

A exclamação partiu dela, enquanto levava a mão aos seios firmes e opulentos, Mas Dickson não percebeu o gesto, continuando a contemplá-la inteiramente absorto .

Era alta e possuía um rosto verdadeiramente exótico. O cabelo negro como azeviche, cintilava com tonalidades azuladas. A fronte era ampla. As sobrancelhas finas e sumamente arqueadas. Pupilas negras, brilhantes, cheias de mistério. Olhos rasgados, quase oblíquos. Pestanas incrivelmente longas, maçãs do rosto graciosamente salientes, nariz reto de narinas palpitantes, sinal de sensualidade, pensou Dickson enquanto a examinava.

Os lábios eram vermelhos, parecendo uma cereja, mesmo sem ajuda de batom... O queixinho, redondo e voluntarioso.

Quanto ao resto do corpo, Dickson esteve a ponto de sofrer uma síncope. E isso completava o quadro.

Como se os lábios dela tivessem magnetismo, Dickson cravou ali os olhos. Ela respirou profundamente, tomando ar, já que o expulsara ao perceber sua intempestiva presença.

— O que o senhor está fazendo aqui? — perguntou, secamente. Dickson calculou que ela caíra em si bem depressa. — Fora daqui! Vá embora daqui, rufião! Saia ou vou gritar!

. Dickson levantou-se lentamente e caminhou até ela, cujos olhos reluziam como carvões acesos.

— Saia!

Ela deu meia volta para ir em direção à porta, mas não a alcançou porque ele chegou antes. Passou ao lado dela e enfrentou-a, segurando-lhe os pulsos com rapidez, apertando-os com vontade.

— Vamos, boneca — disse friamente. — Vai ficar melhor em alguma poltrona. Quero esclarecer uma coisa com você, doçura.

Empurrou-a para trás. Ela ofereceu uma resistência fora do comum, mas foi cedendo terreno. Quando percebeu, abriu a boca vermelha e Dickson pensou que fosse gritar. Ele não deixou. Colocou os lábios sobre os dela, beijando-a fortemente, sem parar de empurrá-la para trás.

A surpresa impediu que a bela e exótica morena reagisse. No entanto, Dickson não parou de beijá-la enquanto não chegaram à poltrona. Só então a soltou, atirando-a violentamente em cima dela.

A jovem ofegava pelo esforço realizado.

Viu-a enrijecer-se quando deu um passo na direção dela e inclinou-se, estendendo os braços num instintivo movimento de defesa.

Dickson segurou-lhe os pulsos novamente e explodiu:

— Comporte-se querida... E será melhor para nós dois.

— Mas não a soltou, apesar de ela ficar quieta.

— Como se chama? — perguntou.

Ela parou de ofegar pouco depois, enquanto Dickson ficava em silêncio, dando-lhe tempo para recompor-se.

— E ao senhor, que demônios pode interessar isso? Saia de meu quarto!

Fez menção de levantar-se de novo. Dickson estava furioso. A cabeça ainda doia e talvez isso influenciasse no que veio a seguir.

Esbofeteou-a no rosto, atirando-a contra o encosto da poltrona.

— Eu lhe disse para se comportar, gatinha — aduziu, inclinando-se sobre ela, — e eu lhe fiz uma pergunta. Responda!

Pela primeira vez em muito tempo, a mulher ficou com medo. Afundou na poltrona e cravou os olhos nos de Dickson. Afastou-os no mesmo instante, percebendo o fogo interior que ardia nos dele.

— Meu nome é Yalu — disse.

Dickson soltou uma risada pelo canto dos lábios.

— Fale em tom mais cristão, riqueza, caso contrário seu lindo rostinho ficará em tal estado que não mais o reconhecerá. Nem sua própria mãe...

— É verdade — disse ela num fio de voz. — Meu nome é Yalu Uji.

— Raios! Você é tão japonesa quanto eu sou maometano!

Dickson aproximou-se ainda mais. Em seus olhos brilhava o perigo e ela o advertiu.

— É verdade — repetiu num sussurro. — Não... Não sou japonesa, mas meu nome e sobrenome são esses.

Nasci aqui, em Nova Iorque, mas uso o sobrenome de minha' mãe. Foi... Na Legação Americana do Japão. Estou... Estou dizendo a verdade!

Aquilo podia ser uma mentira do tamanho de uma catedral e também podia ser verdade. Dickson pensou em deixar o caso passar, nem que apenas naquele momento, pois agora, examinando-a um pouco mais de perto, notava a cor estranha da pele que, ao invés de enfeia-la, tornava-a ainda mais formosa.

Não conseguia imaginá-la ali, naquela casa, nem com aquela simples blusinha, acompanhada da saia curta e rodada.

Segundo ele, Yalu, se esse era mesmo o nome dela, ficaria melhor num ateliê de alta costura como modelo, claro, usando um luxuoso vestido de noite e peles. Principalmente peles, e em qualquer rica mansão, em alguma festa seletiva. Uma festa mundana da alta sociedade. Essa moldura sim lhe cairia bem.

Continuou a fitá-la nos olhos. Estava trêmula e ele percebeu em seguida, notando também que os olhos se esquivavam.

— Por que me golpeou naquela casa? - Yalu arregalou imensamente os olhos.

Dickson refletiu que era uma boa atriz e que a Broadway provavelmente perdera um belo talento.

## CAPÍTULO VII

— Não sei do que está falando, Mr. Porter.

Por um momento Dickson pensou que era melhor não desfazer o engano quanto ao nome que mencionara. Deixou-a, pois, ignorar como se chamava realmente e continuou:

— Ouça, beleza. Quero que me conte tudo, entendeu? Eu a segui até aquela casa. Por outro lado, percebe-se de longe que você não pertence a este lugar, irmã. O que procura nesta casa? Uma bala no meio dos olhos?

Yalu continuava pensativa, mas não estava refletindo no que ele falava, e sim, na automática que carregava escondida no seio. Calculava as possibilidades que teria de poder usá-la antes que ele percebesse.

Respondeu que nenhuma oportunidade teria para isso, pois o homem não tirava os olhos do seu rosto.

— Não sei do que está falando — repetiu. — Não sei a qual casa se refere.



Dickson viu que por aquele caminho iria muito longe. Por outro lado, também não podia ficar ali ao lado dela a noite inteira. Olhou o relógio. Os ponteiros marcavam quatro e quinze da madrugada.

— Vou refrescar-lhe a memória — disse em tom frio. — Fui atrás de você desde que saiu de casa esta manhã — e mencionou o endereço do apartamento onde ela estivera. — Entrei lá e alguém me atingiu assim que atravessei a porta.

Então, pela primeira vez, Yalu olhou-o de frente, sustentando o olhar dele.

— Confundi-me com outra pessoa, sr. Porter. Não era eu e nem sei do que está falando.

Era corajosa, a moça. Foi o que pensou Dickson, aproximando-se mais. Com a boca encostada na face dela, falou:

— Está bem, beleza. Mas o melhor que pode fazer é dar o fora daqui. Saiba que esse Madison não é como eu. Talvez não goste de seus passeios ou negativas. Ele a faria cantar, bebê... E eu também, mas é muito tarde para armar um escândalo. Também é tarde para eu ficar aqui. Poderia manchar sua reputação, garotinha — terminou, com cinismo.

Dickson viu-a enrubescer e esforçou-se para sorrir.

— Não pretendo dar-lhe importância, sr. Porter. O fato de o senhor ser um "gangster" não lhe dá direitos sobre mim. Paguei meu aluguel a "Mammie" e, portanto, estou em minha casa.

Dickson deu outro passo para frente e os joelhos dela roçaram nas pernas dele.

— É o melhor a fazer, mocinha. Será menos perigoso para você. Não gosto de ser atingido, e muito menos pelas costas. Podia cobrar-lhe a dívida como bem entendesse, e você é uma bela mulher, Yalu. Reflita, beleza! — Dickson inclinou-se para ela e acrescentou, com voz ligeiramente rouca: — Agora, comporte-se, querida, e não grite.

Agarrou-a pelo cabelo, fazendo com que levantasse a cabeça, enquanto a imobilizava na poltrona com o braço esquerdo. Em seguida, beijou-a longamente. Yalu tentou livrar-se com desespero, mas logo ficou inerte entre seus braços.

Dois minutos depois, Dickson afastou-a suavemente e Yalu ficou de pé. O forte impacto da respiração, entrando violentamente nos pulmões, agitava o formoso busto de forma descompassada.

— Porco — disse suavemente. — Não passa de um rufião, sr. Porter.

— Estou começando a cobrar o golpe, gatinha — replicou ele. — E não lamento isto, mas sim o que virá depois.

Sem dizer mais nada saiu, fechando a porta em seguida. Atrás dela, após correr o ferrolho interno, Yalu permaneceu, ofegante,

Por fim, com ar derrotado, deixou-se cair na cama. Fumou de modo incansável até que as primeiras luzes do novo dia entraram pela janela. Só então se levantou e amassou o último cigarro no cinzeiro; cigarro que, como os outros, fora amassado mal tinha começado.

Dickson levantou-se lá pelas dez da manhã, e quando desceu para o "living" notou que todos os outros já tinham saído.

Todos, exceto "Mammie", que, pelas aparências, tinha se arrumado de modo inusitado, talvez para ele. Estava à espera dele, sentada indolentemente no sofá.

Não se levantou ao vê-lo, contentando-se em espreguiçar-se lentamente, enchendo o busto e depois estendeu-lhe os braços.

Dickson contemplou-a da porta com ar crítico e depois refletiu que aquela mulher era outra. Segundo ela mesma, Yalu era muito mais bela.

Contudo, era preciso fazê-lo. Era mais uma das tarefas à qual tinha se obrigado há algumas horas. Saber qual era o jogo de "Mammie". Portanto, foi até ela, deixando que enroscasse os braços morenos e bem torneados em volta do pescoço dele.

Depois do beijo, Dickson pediu o desjejum.

"Mammie" fazia as coisas bem demais. Também ela ainda não tivesse feito o desjejum, mas acompanhou-o, entre beijos e carícias. Como não?

Ao terminar, Dickson levantou-se. Enviou-lhe um divertido gesto de despedida e foi até a porta. "Mammie" segurou-o por um braço.

Dickson virou-se para fitá-la, examinando-lhe o rosto com olhar agudo.

— O que quer agora, doçura? - Viu-a vacilar e ficou impaciente.

— Vamos, "Mammie", o que há? Teve pesadelos à noite?

— Vá para o inferno, Peter! — explodiu ela, enchendo-se de coragem. — Trata-se de Madison. Disse que vai falar com o chefe. Disse... Disse para você ficar aqui até que ele volte.

Dickson ficou pensativo alguns segundos, minutos talvez, embora parecesse não se dar conta. Repentinamente, quando ela já julgava ter ganhado a partida, replicou:

— Madison sempre faz planos sem consultar os outros, "Mammie". Pode mandá-lo ao inferno por mim, assim que voltar. Não pertença ao bando, e penso que não venha a pertencer algum dia. Não gosto de homens como Murdock. Está claro? Não gosto de quem se esconde, meu anjo. Diga-lhe isso por mim. Diga-lhe que sairei daqui ou de qualquer outro lugar sempre que tiver vontade. Diga-lhe... Que não gosto de ninguém servindo de intermediário — e Dickson apalpou ostensivamente o lugar onde carregava o "Parabellum". — Vamos, beleza, seja boazinha e deixe-me sair. Falarei com Madison quando voltar.

Inclinou-se sobre ela, beijou-lhe os lábios levemente e afastou-se depressa, a fim de que "Mammie" não tivesse tempo para detê-lo. Assim, a mulher ficou com os braços levantados, braços que se destinavam ao pescoço dele. Deixou-os cair com desânimo quando a porta fechou-se em seguida. Mas "Mammie" tinha um estranho brilho nas pupilas ao virar-se para a mesa a fim de recolher os restos do desjejum.

Estava terminando quando Yalu a interrompeu.

— Quero falar com a senhora — disse, quando Dickson já ganhava a calçada.

Uma vez ali, olhou para os lados e não viu ninguém que porventura estivesse seguindo-o. Pelo menos, ninguém que ele reconhecesse. Mesmo assim, Dickson mandou parar um táxi e falou ao chofer:

— Terá uma bela gorjeta se sair daqui assobiando até a Quinta Avenida. Dobre todas as ruas que encontrar. Quero despistar um possível perseguidor. Depois eu digo onde deve parar.

O homem assentiu com um grunhido e o táxi arrancou bruscamente. Dickson refastelou-se no assento. Já na Quinta Avenida desceu, respirando satisfeito ao perceber que ninguém o seguira até ali.

Pagou a corrida e juntou uma gorda gorjeta que deixou o homem do táxi pestanejando de espanto. Esperou que o carro saísse e depois entrou na primeira boca de "metrô" que encontrou.

Perambulou por baixo da terra por mais de meia hora e depois retornou à superfície. Numa das cabinas telefônicas da Broadway manteve uma longa conversa com alguém.

Depois tomou dois uísques num bar. Dois "Manhattans" em outro com uma explosiva ruiva que se deixou beijar sem o mais leve rubor. Feito isto, acompanhou-a ao apartamento

dela. Lá, ele dançou com ela ao compasso da estridente música de um toca-discos, bebeu mais um pouco e já eram duas da tarde quando saiu, deixando-a realmente convencida de que voltaria outra hora ou outro dia qualquer.

Eram três da tarde quando subiu no elevador até o apartamento que "Mammie" transformara em pensão.

Já tinham almoçado, mas a mesa continuava posta. Madison estava lá, junto à curvilínea "Mammie", que, vendo-o entrar, afastou-se do outro de modo instintivo.

Dickson não lhe deu importância. Examinava o duro semblante de Madison e dos dois "gangsters" que esta vem com ele, cujos nomes ainda desconhecia.

Todos os olhares estavam cravados nele. Dickson cumprimentou com um sorriso, que não foi correspondido por ninguém além de "Mammie", a qual aproximou-se dele com os costumeiros gestos felinos.

Dickson afastou-a suavemente e continuou a caminhar em direção à escada quando foi interrompido em seco pela voz de Madison. Ao se virar para olhá-lo foi que se deu conta do ambiente de tensão que se respirava naquela sala.

— Espere um pouco, Dickson.

Permaneceram entreolhando-se e, ao fim de um longo minuto, Madison recebeu a resposta:

— Quem, demônios, amarrotou-o, Madison? - O "gangster" sorriu friamente.

— A mim, ninguém, Madison, mas a você, talvez. Ordenei-lhe que não saísse daqui. "Mammie" contou-me qual foi sua resposta... O que, por hora, por alguns minutos, vou fingir que ignoro. Falei com o chefe. Não lhe interessa saber como consegui! Transmiti seu recado e foi ele quem ordenou que não saísse. Ele tentou falar com você umas duas vezes e agora não está, digamos assim, muito contente, Dickson. Sendo assim, agora posso dizer-lhe que, se não está do nosso lado, está contra nós. Deve compreender a tolice que seria deixá-lo conhecer-me, bem como a Chett Falcon e Nick Deville — continuou, indicando os outros dois "gangsters". — Você tem a última palavra, mas não vai dizê-la a mim, e sim a Murdock, que vai telefonar de novo dentro em pouco. Onde você esteve até agora? -

Com o chapéu completamente virado sobre o rosto, Dickson coçava a nuca, de modo que a expressão de seu rosto não estava visível.

Quanto ao estado de ânimo dele, logo todos ficaram sabendo assim que ele abriu a boca para falar:

— Podem ir para o inferno você e seu Murdock, Madison! Pouco me importa ele, seja lá quem for. Se você o teme, eu não. Pode mandá-lo para o inferno também, por mim. Não trabalharei com ele e muito menos sob as ordens de ninguém. Trabalho sempre sozinho. Compreendeu bem?

Fez-se um pesado silêncio que foi ficando mais tenso à medida que o tempo passava. Deville foi o primeiro a falar:

— Maldito fanfarrão!

Foi também o primeiro a se mexer, levando a mão ao ombro, sem largar o copo de uísque que segurava na esquerda.

Madison arregalou imensamente os olhos quando Dickson, sem dizer uma só palavra ou fazer o menor gesto, puxou a arma de modo infernal e atirou. No aposento ouviu-se apenas algo como o espocar sufocado de uma garrafa de champanhe.

Imediatamente viram o copo que Deville estava segurando espatifar-se entre os dedos dele.

— Da próxima vez ficará com um buraco entre os olhos, Deville — ameaçou Dickson. — Agora, se alguém mais deseja alguma coisa é só dizer. Não admito ordens de ninguém — brincou com a automática e pediu, dirigindo-se a "Mammie": — Arranje-me um trago, doçura, mas aproxime-se pela esquerda, com todo cuidado. Lamentaria ter que estragar sua linda boquinha com um balaço, queridinha.

Ela aproximou-se lentamente pelo lugar indicado. Dickson bebeu um pouco e devolveu-lhe o copo. "Mammie" levou-o aos lábios e bebeu também, sentindo admiração por homens fortes.

La soltá-lo e quase o deixou cair no chão, sobressaltada pelo intempestivo toque do telefone. Com o cano chato da "Parabellum", Dickson fêz sinal para Madison, o qual se apressou a levantá-lo do gancho.

Começou a falar rapidamente e depois se calou, apenas ouvindo. A partir de então respondeu apenas com um e outro monossílabo. Depois estendeu o fone para Dickson .

Este deu a volta volta e pegou-o, sem soltar a automática, enquanto Madison sentava-se rigidamente numa das cadeiras e os outros ficavam em suspenso, e "Mammie" empalidecia.

— Sim... É Peter Dickson quem fala.

Uma voz bronca, de inconfundível sotaque estrangeiro, cortou-lhe a palavra.

— Ouça e não me interrompa, Dickson. Preciso de você. Suponho que deve saber quem sou eu, não? Pois então, como dizia, preciso de você. Trata-se de algo sério e preciso de cérebros, não de músculos. Terá que me obedecer ou passará alguns anos na sombra, caso não receba antes algo pior. Mas, enfim, deixemos isso de lado, pois é muito desagradável. Madison falou-me a seu respeito. Muito bem, Dickson. Vamos ver se toda essa lábia não passa de fanfarronice quando chegar a ocasião. Entre em acordo com Madison, pois ele já tem instruções. O preço pelo serviço e o prêmio por trabalhar comigo será recebido em notas pequenas, imediatamente depois de efetuado a primeira tarefa. Alguma coisa contra?

— Sim. Não gosto de trabalhar para ninguém. Até hoje sempre agi sozinho e não me saí de todo mal. Não gosto de correr riscos com pessoas que não conheço. Pode haver alguém que cante e... Infernos, eu não gostaria de terminar na cadeia!

— Comigo não há cantores, Dickson. Pode ter certeza disso. Algo mais...?

Dickson fingiu hesitar.

— Por ora... Nada mais — disse. — Sendo assim...

— Bem. Converse com Madison Se precisar de alguns dólares, pode pedir em confiança, Dickson

Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Murdock desligou. Dickson ficou alguns segundos com o fone junto ao ouvido, fingindo que ainda escutava o que Murdock dizia. Em seguida falou, secamente:

— Vá para o inferno com tudo isso, Murdock! Aceitarei ordens apenas diretamente de você. De ninguém mais, a menos que primeiro prove ser melhor do que eu. Estamos entendidos?

Fingiu escutar mais alguns minutos e continuou falando:

— Isso pouco me importa, Murdock! Não tenho medo de você nem de ninguém! É assim ou então procure outro. Ah, Murdock! Diga a Madison, assim que puder, que dê um jeito para que os rapazes não se metam comigo! Tenho mau gênio e aperto o gatilho com muita facilidade. Estas são as minhas condições. Deseja acrescentar algo, Murdock?

Continuou ainda fingindo escutar e terminou com uma única palavra:

— Bem!

Desligou, olhando-os. Estavam pálidos, perguntando-se como ele tivera coragem de falar com Murdock naquele tom, mesmo que pelo telefone.

Com uma careta desdenhosa nos lábios, Dickson virou o "Farabellum" e guardou-o no coldre. Aproximou-se de "Mammie", a qual viu-o caminhar como se fosse um fantasma, pálida, de olhos arregalados pelo estupor.

— Dê-me esse copo, beleza — disse. — Preciso de um trago. À saúde... De Murdock!

Com a mão um tanto trêmula, ela estendeu o copo e Dickson esvaziou-o de um só trago.

— Encha-o de novo, querida. - E virou-se, encarando Deville.

## CAPÍTULO VIII

Dickson aproximou-se dele pausadamente e estendeu-lhe a mão.

— Não me guarde rancor, Deville — disse. — Vamos trabalhar juntos, segundo pude concluir por algumas palavras do chefe e, portanto, é melhor que nos entendamos bem.

Deville nada replicou, mas estendeu-lhe a mão também. Ao apertá-la, Dickson teve a intuição de que não devia confiar nele, nem pouco nem muito.

Ficaria de olho.

Pôs o pensamento de lado para fitar Madison, cujas feições ainda estavam descompostas desde a conversa com Murdock.

— Quais são as ordens de Murdock? — perguntou Madison, que hesitou por alguns instantes e depois pareceu despertar de um sonho repentinamente.

— Apenas uma, Dickson. Para darmos o fora daqui.

— Para onde?

— Saberá quando chegarmos.

— Pelo menos dirá quando iremos, não, Madison?

— Esta noite.

— De acordo. E "Mammie"?

— Ela vai conosco. Precisamos dela, Dickson. - Demorou a responder enquanto abraçava a cintura da mulher. Depois virou o rosto para Madison, enquanto a empurrava para a cozinha.

— Alegro-me, Madison. Se não fosse assim, sentiria sua falta... — Ela presenteou-o com um sorriso e Dickson acrescentou:

— "Mammie" é estupenda. Entendeu, Madison?

— Largue-a, Dickson. Ainda não terminamos de conversar.

— Não...? Pois bem. Depois vou conversar com ela. É companheira melhor que vocês e muito mais bonita, é claro.

Sem parar para fitar os três homens, tirou-a dali, segurando-a sempre pela cintura.

— Você é louco, Peter, por falar com Murdock daquele jeito. Se continuar assim não viverá por muito tempo. Tenho me...

Dickson interrompeu as palavras dela beijando-a nos lábios e ela apertou-se contra ele, correspondendo por sua vez. Em seguida obrigou-a a sentar-se numa cadeira.

## 8 — O PILHO (AS-1B)

— Vai fechar o apartamento, "Mammie"? — perguntou como quem não está dando importância à pergunta.

— Sim — respondeu ela. — Mas por pouco tempo. Apenas até que você e os rapazes terminem este novo trabalho. Depois virei novamente para cá... E você virá comigo. Já sabe, Peter, meu negócio...

— Seu negócio ou você, doçura? - Ela riu, oferecendo-lhe os lábios. — Os dois, querido.

Houve um silêncio durante um quarto de hora mais ou menos e depois Dickson perguntou:

— Não tinha uma moça? Pretende jogá-la na rua?

— É o que eu faria, mas ela me poupou o trabalho. Foi embora esta manhã. Disse que recebeu um telegrama da mãe dela, no lugar onde trabalha, dizendo que o irmão está muito doente. A estas horas, a tal Yalu deve estar voando para Chicago.

Dickson não respondeu. Beijou-a numa face e foi para onde o trio continuava bebendo uísque. Mas não ficou com eles. Caminhou para a porta da rua e a abriu. Madison levantou-se de um salto.

— Vai sair de novo? — perguntou.

— Preciso de cigarros, mas voltarei antes que saiam, caso queira dizer a hora em que partiremos.

— Você não vai sair daqui, Dickson. Não vai sair, pelo menos enquanto não tiver cumprido a primeira tarefa.

Dickson fitou-o por cima do ombro e depois cuspiu no chão, desdenhosamente.

— E é você quem pretende me impedir, Madison? Se for assim, tome cuidado, amigo. Vou sair, e se você não gosta, aguento sozinho. Se não quer aguentar, pegue o telefone e, se sabe como fazer para falar com Murdock, ponha-se em contato com ele e conte tudo. Depois disso, alguém vai pedir-lhe contas por ter dado com a língua nos dentes.

— Pelo visto, com você só se pode falar de uma forma, Dickson. Com a automática em punho, não?

— Talvez, mas, no seu lugar, eu evitaria isso... Para que brigarmos, Madison? Vamos trabalhar juntos, pelo menos em alguns serviços, pelos quais ganharemos vários milhares de dólares, o suficiente para que nos retiremos do "negócio". Como você vai compreender, depois do que falei com Murdock, tanto eu quanto você temos o mesmo interesse nisso. A que vem essa desconfiança agora? Se tem algo contra mim, desembucha de uma vez, Madison, e não prolongue o assunto. Estou esperando.

Os dois se entreolharam. Dickson colocara o dedo na chaga, mas Madison não recolheu a luva.

— Está bem — disse. — Saia se quiser, mas sob sua inteira responsabilidade.

Dickson riu com um lado da boca. Pegou o chapéu que deixara sobre uma cadeira e enfiou-o na cabeça, puxando-o de lado sobre uma orelha.

— A que horas devo voltar, Madison?

— Vá para o inferno, Dickson! Ainda vai terminar mal. Volte quando quiser, desde que antes das três da madrugada.

Dickson deu um passo para a porta de saída, sempre perseguido pelos olhares dos três, em cujo fundo brilhava uma ilimitada desconfiança. Com a mão na maçaneta da porta, parou.

Em seguida, girou sobre os calcanhares, fitando alegremente o trio que não tirava os olhos de cima dele e sorriu. Depois, fazendo um gesto com as mãos, gritou:

— E você, beleza, saia da cozinha!

"Mammie" demorou menos que cinco segundos para isso.. Da soleira da porta ficou abanando as longas e sedosas pestanas, balançando o corpo de forma diabólica .

— Quer mais uísque, querido? — perguntou. Dickson negou com a cabeça e replicou:

— Nada disso, bebê. Quanto tempo leva para se enfeitar?

— O que... O que quer dizer?

— Que vá até seu quarto e se arrume um pouco. Tenho licença até as três da madrugada e preciso de uma jovem para acompanhar-me. Quer ser essa jovem, "Mammie"? Conheço uma mo...

— Oh, querido — ela interrompeu, — mande-a para o inferno! "Mammie" vai com você até os confins do Judas! Onde pretende levar-me?

Dickson compreendeu o por que da pergunta e replicou:

— Vista o melhor que tiver, bombom. Esta noite vamos fazer a farra mais cara de quantas já conheci.

— Você é um amor!

Houve um breve silêncio, rompido por Madison, cujos olhos faiscavam.

— "Mammie" não vai a canto algum, Dickson. Tem que arrumar tudo isto antes de fechar a porta à chave.

O olhar de Dickson era frio e o sorriso meloso. Dir-se-ia que estava se divertindo à grande, mas nenhum dos presentes poderia afirmar com segurança.

— Veja, beleza — disse ele, referindo-se a Madison, naturalmente. — A pombinha é coisa minha. Portanto, quem quiser criados aqui que vá para um hotel e pague. Vamos, "Mammie": estou esperando,

Ela mexeu os quadris enquanto se afastava para a escada sem pronunciar uma única palavra. Os olhos de Madison pareciam duas brasas ao fixá-los nos de Dickson.

— Continua vencendo — disse em tom fraco. — No fim, veremos quem...

— Ninguém, Madison — interrompeu ele. — Nem eu nem você. Por hora, "Mammie" vem comigo. Vamos nos divertir. Primeiro, porque é uma garota de quem gosto e segundo porque compreendo sua desconfiança para comigo. Depois ela poderá dizer-lhe por onde andamos e quais foram os meus movimentos durante as horas em que estive ausente daqui.

Calou-se e se aproximou da mesa. Encheu um copo de uísque e entornou-o com um só gole. Estalou a língua e encheu outro. Diante daquilo, Deville fez um comentário:

— Acho que "Mammie" vai precisar trazê-lo de maca, Dickson. A pobre garota...

O repicar de saltos interrompeu os dois e todos se viraram para a escada.

Dickson sentiu o chão faltar-lhe sob os pés. "Mammie" avançava em sua direção em movimentos cadenciados e felinos. Vestia um traje de noite completamente negro, todo em "nylon" e bordado de lantejoulas. Nas mãos, luvas da mesma cor, compridas até o cotovelo. Numa delas uma belíssima bolsa e na outra uma luxuosa pele de arminho.

As costas e os ombros estavam completamente nus. Dickson preferiu contemplar os três "gangsters" e notou como os olhos deles brilhavam, esgazeados, numa expressão de quem não gostou, apesar de que quem provocava fosse uma mulher como "Mammie".

Já estava bem perto, envolvendo-o com o aroma do custoso perfume.

— "Mammie" vestiu-se assim para você, querido — disse num murmúrio. — Estes ratos não sabem distinguir o bom e o mau. Vamos.

Segurou-o por um braço. Dickson deixou-se levar sem o menor protesto, completamente mudo ante tanta beleza. Contudo, sem saber por que, a lembrança de Yalu apareceu em sua mente.

Caminharam um pouco antes de encontrar um táxi livre. Uma vez em seu interior, Dickson perguntou a ela, agora apertada contra seu corpo, fitando-o nos olhos com os olhos semicerrados, escondidos por trás das longas pestanas:

— Onde devo levá-la, Jana?

Ela agradeceu com um sorriso por ele ter usado seu verdadeiro nome. Apertou-lhe o braço com a mãozinha e disse:

— Gosto da Broadway, Peter — exclamou. — Oh, desculpe-me, querido. Acho que na rua devo chamá-lo por outro nome, não?

Dickson riu silenciosamente, beijando-a.

— Claro que sim, Jana — e mudou o tom de voz, falando mais alto, dirigindo-se ao chofer que esperava: — Leve-nos à Broadway, amigo.

Pelo caminho Dickson rompeu o silêncio e os pensamentos da mulher ao perguntar:

— Tem preferência por algum lugar?

Ela negou com a cabeça, mas logo se contradisse ao falar:

— Sim, gostaria de ir a algum lugar onde eu fosse a única mulher, querido. Acho que esta noite sentirei um ciúme terrível.

Ele riu e tornou a beijá-la.

## CAPÍTULO IX

Jana estava quase embriagada. Dickson percebeu, como também percebeu que aquele momento era o mais oportuno para fazer-lhe algumas perguntas.

Durante horas tinham perambulado de um lado para outro, percorrendo quase todos os cassinos e salões de festas da Broadway e agora dançavam ao som de uma música de negros num dos mais caros clubes da Rua 49.

Apertada contra ele, "Mammie" deixava-se levar pela melodia, sentindo-se flutuar sobre alguns milhares de borbulhas de champanha e estava completamente feliz.

Por seu lado, Dickson pensava que o que fazia era bastante sujo. Portanto, sacudiu a cabeça para afastar qualquer pensamento aborrecido e disse:

— Esquisito que ninguém conheça Murdock, Jana.

Imediatamente sentiu-a enrijecer entre os braços. A seguir, levantou a cabeça para fitá-lo e Dickson leu algo parecido ao medo. Era como se tivesse despertado de repente.

— Por favor, Peter — sussurrou, — não quero falar disso.

— De acordo, pimpolho. Esqueça. Foi apenas um comentário sem importância. Já sei que ainda não sou de confiança — parou de dançar e levou-a para a mesa. — Bem, também é proibido dizer-me para onde iremos?

Fez a pergunta como se não tivesse importância, lembrando-se de que, quando a fizera a Madison, ela estava na cozinha.

— Mas claro que não, tolinho! Pensei que já soubesse. Iremos para uma casa que Murdock possui, localizada na Broadway. Vai gostar, querido — fitou-o, abrindo muito os olhos. — Mas... Não diga a ninguém que eu falei, Peter. Tenho medo, sabe?

Dickson encheu duas novas taças de champanhe e ofereceu-lhe uma.

— Beba e esqueça, querida — em seguida, enquanto ela obedecia, acrescentou: — Preciso sair, entende? Apenas alguns minutos... Por causa do champanhe. Espere-me aqui, beleza.



Sem esperar consentimento, afastou-se por entre as mesas, em direção aos lavatórios. "Mammie" seguiu-o com olhos brilhando estranhamente, fato que Dickson, felizmente, não percebeu.

Contudo, no caminho desviou dos lavatórios, procurando as cabines telefônicas. Quando voltou, antes de três minutos, "Mammie" estava os olhos semicerrados e sustentava a taça de champanha na mão.

Fitou-o nos olhos enquanto ele consultava o relógio.

— Precisamos apressar-nos, Jana — disse. — Está ficando tarde e não quero que precisem esperar por nós. Vamos?

Ela levantou-se e Dickson colocou a capa de pele sobre os ombros desnudos. Jana segurou-o pelo braço e os dois saíram para o ar frio da rua. Enquanto Dickson chamava um táxi dando-lhe as costas, Jana sorriu de maneira estranha.

Depois, quando ele tornou a olhá-la, ela compôs o rosto com um ar estúpido de bêbada. Aproximou-se vacilante e Dickson amparou-a pela cintura e obrigou-a a entrar no carro.

Deu um endereço próximo ao lugar onde Madison os esperava.

A corrida e o ar da noite desanuviaram "Mammie" completamente, ou pelo menos foi o que Dickson imaginou quando desceu do táxi. Levou-a pelo caminho segurando-a pelo braço, com passos firmes, até a casa onde o trio permanecera.

Foi ela quem parou antes de chegar, com os olhos fixos em um Sedan de oito lugares, estacionado vinte jardas além.

— Já estão esperando, Peter. Madison deve estar furioso.

— Que vá para o inferno! Não vou deixar de sair com você apenas porque ele não quer.

— Vai levar-me outro dia?

— Sim, quando isto terminar.

Beijou-a no elevador e junto à porta do apartamento. Em seguida, Dickson tocou a cigarra. Efetivamente, Madison estava furioso, se bem que ainda faltasse mais de um quarto de hora para as três da madrugada.

Dickson não ligou, encerrando-se em absoluto mutismo, com os olhos fixos no novo personagem que surgiu junto aos bandidos. Madison examinou-o, enquanto "Mammie" ia até o quarto trocar de roupa.

— Este é Bill Harris. Além de ser um excelente chofer, serve para outros trabalhos mais delicados. Terá ocasião de verificar isso pessoalmente, Dickson.

Apertaram-se as mãos e depois entregaram-se a uma atividade febril, transportando para o carro tudo que iria lhes fazer falta. "Mammie" chegou quando já iam partir e entrou no Sedan, sentando-se entre Dickson e Madison.

Este último lançou-lhe um olhar malicioso e perguntou:

— Divertiu-se muito, "Mammie"?

— Demais, querido — e beijou-o numa face para logo depois acrescentar em tom maligno: — Se quer saber mais, dir-lhe-ei que Peter não saiu do meu lado um só minuto, durante a noite inteira.

— Isso pouco me importa, minha cara.

— Apenas um comentário.

A partir daquele momento, o trajeto foi feito no mais absoluto silêncio.

Numa das mais estreitas e fétidas ruelas do Brooklin, o Sedan parou e todos desceram. Segurando o braço de Dickson, "Mammie" obrigou-o a segui-la até o interior.

Ele tomou nota mentalmente do nome da rua e do número da casa. Seguindo a companheira, penetrou no prédio e começou a subir a escada, com os olhos fixos nas belas pernas que tinha em frente.

Eram cinco e meia da madrugada e a casa estava no mais absoluto silêncio.

Nesse dia Dickson acordou bem cedo, mas não saiu de casa, apesar do que Madison e todos os outros, inclusive "Mammie", talvez esperassem.

Durante o decorrer das horas, fez muitas coisas, desde beijar "Mammie", jogar pôquer com o quarteto e sozinho.

Já estava aborrecido quando o telefone tocou. Dickson percebeu que Madison e os outros ficaram sobressaltados ao ouvi-lo. Apesar de o aparelho estar ao alcance da mão, não fez o menor gesto para pegá-lo e esperou que Madison o fizesse. Em seguida, ouviu-o falar, como sempre, por monossílabos. Imaginou, então, com muita razão, que devia ser Murdock quem chamara.

Também não se enganou quando imaginou que aquela chamada significava acontecimentos rápidos.

Os pensamentos foram interrompidos por Madison ao estender-lhe o fone.

— O chefe quer falar com você, Dickson — disse. Pegou-o e ficou ouvindo.

— É Dickson?

— Sim, eu mesmo.

— Bem. Saiu hoje?

— Não.

Houve uma pausa por um longo minuto até que Dickson ouviu novamente aquela voz com sotaque estrangeiro.

— Pois vai sair esta noite, Dickson. Exatamente às oito e cinco. Uma vez na rua, entre na primeira boca de "metrô" e compre bilhete para Madison Avenue. Lá, em frente ao número 4.001, encontrará um Ford cinza, modelo 1959. A chave da porta está colocada no lado esquerdo. Suba no carro e vá até a Rua 53 Oeste. Pare em frente ao número 3.123 e abandone-o lá. Em seguida, continue andando por duas quadras e espere. Acenda um cigarro e fique contemplando as peles que estão expostas na vitrina de Larry Evans & Peleteiros. Aguarde. Alguém vai se aproximar de você, perguntando se gosta de peles. A resposta é que espera poder comprar um bom abrigo para sua esposa este Natal. Então, mandar-lhe-ão apagar o cigarro. Obedeça e siga essa pessoa. Ela vai lhe dar o resto das instruções. Precisa repetir para mim o que lhe disse, Dickson?

— Não. Tenho boa memória.

— Muito bem. Boa sorte e não falhe. - Murdock desligou e Dickson ficou com a certeza de

que as últimas palavras continham uma advertência e uma ameaça para ele. Logicamente, Murdock ainda desconfiava dele, portanto, aquele trabalho era apenas uma prova.

Não lhe dissera para ficar ali, sem sair dali até às oito. Entretanto, sem saber por que, preferiu só deixar a casa a essa hora. E fez bem, porque meia hora depois Murdock tornou a telefonar.

Foi Deville quem atendeu, dizendo lentamente:

— É o chefe, Dickson.

Pegou-o e perguntou, mal o chegou ao ouvido:

— Dickson falando, chefe. O que deseja?

— Há algo novo em seu trabalho, Dickson. Esta noite, após terminar o serviço, não volte para aí. Pegue um táxi ou qualquer outra condução que achar melhor e vá até o quilômetro 27 da estrada 23 Oeste. Ao ficar sozinho, caminhe uma milha em linha reta e depois desvie por um caminho secundário. Verá a casa um quarto de hora depois. Examine-a antes de se aproximar, verificando se existe luz na janela virada para o norte. Caso contrário não entre, ouviu? Entendido?

Dickson disse que sim e Murdock cortou a ligação. Não voltou a chamar e, perto das oito, deixou a agradável companhia de "Mammie", sorriu para o quarteto e foi para a porta, com a mulher em seus calcanhares.

Ela jogou-lhe os braços ao pescoço.

— Tornaremos a nos ver, querido? — perguntou.

— Naturalmente que sim, beleza.

Mas Dickson não tinha muita certeza disso.

Procurando não ser visto, deixou a casa e caminhou sem pressa até a primeira entrada do "metrô". Já no vagão, a caminho da Madison Avenue, olhou em torno, tentando descobrir se ali havia mais alguém que pudesse estar mais ou menos interessado em sua pessoa.

Não viu ninguém suspeito, portanto, ao descer na estação subterrânea de Madison Avenue, e esquadrinhou de novo antes de subir nas escadas rolantes que o levariam à superfície. Entrou numa cabine telefônica e falou apressadamente durante uns cinco minutos. Saiu dali e entrou num bar para tomar um uísque. Com ele na mão, entre um gole e outro, concedeu-se quinze minutos, pagou e saiu.

Não tardou a avistar o automóvel, bem como a chave, colocada no lugar indicado. Subiu e dirigiu tranquilamente até a Rua 53 Oeste. Deixou o carro no lugar previsto e meia hora mais tarde estava contemplando as peles expostas na vitrina de Larry Evans & Peleteiros, com o cigarro entre os lábios em um canto da boca.

Não ficou assim muito tempo. Repentinamente, ouviu uma voz às suas costas:

— Gosta de peles? .

Dickson virou-se um pouco para ver quem falava. Era um indivíduo que podia confundir-se entre centenas de milhares dos que pululavam por Nova Iorque.

— Sim — replicou friamente. — Espero poder comprar um bom abrigo para minha esposa este Natal.

O homem não respondeu logo. Depois esboçou um sorriso e disse:

— Quer apagar o cigarro?

Dickson deixou o cigarro cair no chão, esmagando-o com o pé.

— Vamos, Dickson?

— Sim. A propósito, como é seu nome, amigo?

— Tex Hollan. Vamos, os rapazes estão à nossa espera.

Caminharam como dois bons amigos, falando sobre o tempo e os últimos acontecimentos da Broadway, até a Rua 51. Ali, Hollan indicou um longo e potente Morris, estacionado cinco jardas após um hidrante de incêndios.

— Eis o carro, Dickson.

Os dois homens aproximaram-se dele, olhando em volta para ver se eram vigiados. Não viram ninguém, mas num dos escuros portais a sombra de um homem pulou para trás com o coração na boca, sabendo que, se o tivesse feito um segundo depois, estaria irremediavelmente descoberto.

O Morris entrou em movimento e Dickson encarou Deville e Falcon com um sorriso torcido na boca, agora sentados ao seu lado. Antes de falar, fitou o chofer. Era Bil] Harris.

— Falta um — disse com voz gelada. — Será que o grande Madison ficou com medo esta noite?

Falcon soltou uma praga em voz baixa.

— É melhor fechar o bico e ouvir, Dickson — disse em seguida. — O que Madison fizer não nos interessa, ouviu? É coisa do Murdock. Tanto ele quanto nós temos apenas que obedecer.

— Até certo ponto. Querem explicar-me por que ele me mandou percorrer toda Nova Iorque enquanto vocês estavam calmamente aqui?

— Você se enganou de novo, Dickson. Recebemos ordens semelhantes às suas, pois saímos de casa por lugares diferentes, como você, sozinhos, até sermos recolhidos por Harris.

— Vou creditar por enquanto, Falcon. Veremos o que Murdock vai dizer sobre isto, quando eu puder telefonar-lhe. Agora, quais são as ordens?

Dickson endereçou a pergunta ao homem que dissera chamar-se Tex Hollan.

— Vou dizer num momento, Dickson. Esta noite trata-se da joalheria...

## CAPITULO X

Em seguida, as instruções brotaram da boca de Hollan com suficiência e clareza. Depois disto, reinou o mais absoluto silêncio dentro do carro.

Dickson notou que o automóvel ia de um lado para outro, às vezes aproximando-se do objetivo, para logo em seguida afastar-se do local. Compreendeu que Harris devia ter instruções a respeito e que agia assim para despistar algum provável perseguidor.

A marcha continuou assim durante hora e meia, até que, finalmente, Harris conduziu o Morris para a Rua 51. Estacionou na esquina da 9.a Avenida e anunciou numa voz despida de qualquer inflexão:

— Chegamos, rapazes. Agora, boa sorte!

Hollan foi o primeiro a descer do carro, seguido por Deville. Quando Falcon ia fazer o mesmo, Dickson falou:

— Só uma pergunta antes de sair, Falcon. Vamos supor que os "tiras" apareçam de repente, quais são as instruções a respeito?

A resposta veio por intermédio de Harris.

— É de dar o fora daqui com o carro, Dickson.

— E os outros?

— Arranjem-se como puderem. São ordens do chefe.

— Precisamos esclarecer bem isso com Murdock — replicou. — Não gosto de servir de bode-expiatório.

Falcon fitou-o de esguelha e depois saiu do Morris. Dickson saiu pela esquerda.

A rua estava silenciosa e deserta. Com os cigarros na mão e caminhando tranquilamente aos pares, passaram em frente à joalheria da viúva de Isaac Murder, uma das mais famosas da Rua 51.

Continuaram em frente. Depois, quando já tinham caminhado umas quinze jardas, os quatro pararam. Deram-se as mãos em sinal de despedida e cada um foi para seu lado. Meia hora depois, convergiram para a porta traseira da joalheria em intervalos de cinco minutos.

Foi então que Dickson teve a primeira surpresa no primeiro trabalho.

Enquanto Deville ficava vigiando com a mão sob a axila, Hollan aproximou-se da porta e bateu de modo convencional. Dickson ouviu o ligeiro ruído produzido pela janelinha ao mover-se. Alguém os observava por trás dela.

Depois ouviu o correr de ferrolhos e apareceu um homem alto, um tanto velho, já que os cabelos estavam brancos. Surgiu da escuridão como um fantasma.

— Vamos, entrem — disse com voz ríspida. — Depressa.

Deville ficou do lado de fora, enquanto Dickson, Falcon e Hollan penetravam na joalheria.

— Vamos, vovô, diga-nos onde fica o cofre.

Dickson sabia o motivo da frase de Hollan. Na vitrina exterior e nas de dentro havia, sem sombra de dúvida, joias de muito valor, mas nenhuma se comparava ao colar de esmeraldas fechado na caixa forte.

Dickson deduziu que o fato chegara ao conhecimento de Murdock por intermédio do vigia noturno. Aquele homem estava subornado a ele, não havia a menor dúvida, pois abrira a porta mal os reconhecera ao vê-los através da janelinha.

— Vamos depressa, vovô.

A voz autoritária de Hollan tirou-o das vacilações e avançou por trás de todos, segurando a "Parabellum" pela coronha.

Guiando-os pelos corredores com a tênue luz da lanterna de bolso, o vigia levou-os até uma espaçosa sala mobiliada como um gabinete, em cujo fundo Dickson viu a enorme caixa forte.

Hollan meteu a mão no bolso, pegou um par luvas e calçou-as num abrir e fechar de olhos. Avançou para a caixa e, sem mais delongas, Dickson sentiu admiração por ele, adivinhando o que ia fazer. Abriria a porta pelo tato.

A voz do vigia quebrou o esquisito silêncio reinante:

— É melhor darem minha parte.

Dickson julgou que pedia dinheiro, mas enganou-se. A voz de Felton tirou-o da dúvida.

— Dê-lhe uma coronhada e amarre-o com força, Dickson — e, percebendo seu ar de espanto, acrescentou, rindo levemente: — Vamos, menino! O velho Nick sabe que se trata apenas de uma brincadeira, apesar da polícia depois acreditar nele seriamente, quando ele lhes contar como foi atacado.

Dickson não vacilou. Não podia vacilar, principalmente notando os olhares de Falcon e Deville. Portanto, pegou a "Parabellum" pelo cano, enquanto o velho Nick se virava de costas.

Atingiu-o com força e ele desmoronou sem um gemido. Quando terminou de amarrá-lo, ouviu a voz de Deville, perguntando:

— Ainda falta muito, Hollan?

Dickson olhou-o também. À luz da lanterna viu seu rosto pálido, onde grossas bagas de suor escorriam até perder-se no colarinho da camisa.

— Menos de cinco minutos — replicou. — Fique um de vocês aqui comigo e o outro vá buscar Harris.

— Certo.

Continuou manejando a fechadura com dedos longos e sensíveis, o ouvido colado ao aço, procurando escutar todos e cada um dos sons provenientes do interior.

Felton resmungou em voz baixa para Dickson:

— Como vai esse aí?

— Continua dormindo — respondeu após lançar um rápido olhar ao velho inconsciente.

— De acordo, Dickson. Nós ficamos aqui até que Hollan termine de abrir o cofre. Você pode dar o fora e dizer a Harris para vir com o Morris. Isso, se quiser.

Dickson sorriu.

— De acordo, Falcon. Devo voltar?

— Sim, mas não entre. Se nós não tivermos saído, fique ao lado de Deville, procurando não perder de vista tudo que acontecer na rua.

— As ordens, chefe!

Saiu silenciosamente, deixando Falcon na dúvida se o outro estava ou não zombando dele.

Abriu a porta que estava apenas encostada e saiu, deixando-a da mesma forma. Deville não estava na rua, mas Dickson o avistou ali perto, esperando na escuridão de algum portal, pronto a dar o alarma se acontecesse algo.

Começou a andar em direção ao quarteirão mais próximo, a fim de chegar por trás de Morris. Já estava perto, quando Deville assobiou de um dos portais. Dickson fingiu não ter ouvido, mas parou dois passos depois, simulando amarrar o cadarço de um dos sapatos.

Aproximou-se do portal coxeando. Deville falou primeiro e Dickson achou-o nervoso.

— Como vai a coisa, Dickson?

— Muito bem. Estava à sua procura. Falcon mandou lhe dizer para levar Harris. Fico esperando aqui. Depressa, Deville.

O "gangster" deixou o portal quando Dickson já se tinha afastado algumas jardas. Caminhou apressado pela calçada. Nesse momento ouviu-se o zumbido de um motor e o Morris apontou na esquina, com os faróis apagados.

Harris freou em seco ao lado de Deville.

— Depressa, Deville! — disse, falando apressadamente. — Avistei três carros da Brigada Volante rondando por aqui. Vamos! E os outros?

Deville pulou para dentro do carro, já com a automática na mão, antes de responder:

— Estão lá dentro, Harris. Daremos o fora se houver perigo real.

Dickson falou:

— Caiam fora! Vou avisá-los.

Correu para a porta dos fundos da joalheria, mas não pôde chegar até lá. Muito antes precisou colar-se à fachada, enfiando-se rapidamente num portal, enquanto a ruela ficava iluminada pelos faróis de um dos carros de patrulha.

Harris pisou fundo e o Morris deu um salto espetacular. Subiu no meio-fio e, ao chegar perto do primeiro carro policial, o velocímetro marcava mais de cinquenta por hora.

Deville atirou pela janela e os faróis de um dos automóveis estilhaçaram em mil pedaços. Uma metralhadora respondeu aos disparos do bandido, enchendo a ruela de explosões.

Dickson viu como a porta se abria, dando passagem a Hollan e Falcon, enquanto o Morris dava uma guinada, subiu na calçada de novo e terminou achatado contra a parede.

Agora havia sombra na rua e os apitos agudos da polícia soavam por todos os lados. Dickson viu como corriam a toda velocidade, enquanto Falcon disparava em zigue-zague, atravessando a rua e confundindo-se com a escuridão.

Hollan não fez o mesmo. Empunhava a automática e levantou-a ao passar ao seu lado. Fez pontaria apenas por um segundo e apertou o gatilho, visando um dos policiais que estava um pouco mais perto.

Falhou. Dickson deu-lhe um empurrão no momento preciso e a bala perdeu-se rua abaixo. Hollan soltou uma praga, virando-se para ele.

— Foi você, maldito alcaguete! — explodiu.

Levantou a arma de novo e Dickson não puxou a sua, sabendo que não havia tempo. Disparou de dentro do bolso e Hollan pulou para trás, já morto com um negro orifício na testa.

Alguém atirou contra ele, mas não respondeu. O único desejo era abrigar-se, encontrar um meio de escapar antes que chegassem até ele.

Alcançou o portal quando a polícia aparecia nos dois lados da rua.

Enfiou-se nele com a "Parabellum" na mão, respirou forte e assomou a cabeça. Os policiais tinham se aproximado do cadáver de Hollan e pararam. Foram alguns segundos de folga, muito poucos, mas Dickson soube aproveitá-los. Também correu em zigue-zague em direção ao fim da rua e foi então que provou seu valor como corredor, pois atingiu o objetivo em poucos segundos.

Nessa mesma esquina havia um carro policial estacionado. O policial uniformizado, certamente o chofer, tinha descido e levou a mão ao coldre quando o avistou correndo.

Lutou com as correias por alguns segundos antes de poder puxar a arma. Quando o fez, Dickson já estava em cima e soltou a direita sem mesmo pensar, deixando os policiais que estavam mais perto.

Dickson empunhou o volante do carro da Brigada justamente quando a rua voltava a se iluminar com os potentes faróis dos automóveis. Estavam à sua procura de novo.

Pisou no acelerador e perdeu-se na noite em direção à Broadway. Dun, da Brigada Volante, também estava ali, mas desta vez não conseguiu alcançar o fugitivo.

Contudo, três horas mais tarde, o próprio Dickson, valendo-se da emissora do automóvel, indicou-lhes onde o deixara. Quando chegaram ao local, naturalmente não encontraram o menor rastro de Dickson.

## CAPÍTULO XI

— Pare aqui, amigo.

Dickson agradeceu e ficou na estrada, olhando o caminhão que o conduzira até lá perder-se na distância.

Quando a luz vermelha do farol traseiro desapareceu na primeira curva, Dickson acendeu um cigarro e começou a caminhar pausadamente. Meia milha adiante, consultou o relógio de pulso.

Eram duas e meia da madrugada.

Pensava em Felton. Também tinha se salvado, disso tinha certeza. Contudo, havia uma pergunta que poderia ser perigosa para ele. Teria visto quando atirara em Hollan ou desaparecera antes?

A bifurcação da estrada estava à vista. Dickson entrou ali sem a menor hesitação. Agora caminhava depressa, e não demorou a alcançar a curva. Dobrou-a e ante seus olhos apareceu a majestosa e sombria edificação de uma enorme casa de campo.

Por fora da alameda, quase debaixo das árvores, Dickson continuava a aproximar-se, de olhos cravados nas janelas orientadas para o norte. Muito antes de chegar, avistou a janela iluminada e então apertou o passo.

Ao contrário do ordenado por Murdock, não precisou bater. "Mammie", mais bela do que nunca, estava à porta. Viu-o chegar e correu ao encontro dele, atirando-lhe os braços ao pescoço.

Dickson beijou-a, apertando-a contra o peito e começou a aproximar-se da casa, levando-a enlaçada pela Cintura.

— Oh, querido!

Foi o que disse "Mammie" já no interior, enquanto fechavam a porta. Ao ouvi-la, Dickson soube que já estava a par do que houvera. Perguntou-se se a notícia fora dada por Falcon ou ela soubera por outra fonte.

Dickson nada comentou a respeito, mas perguntou por algo que também o interessava:

— Madison está aí. doçura?

— Sim. Veio comigo. Acho... Acho que estão preparando algo grande.

Dickson parou e fitou-a nos olhos.

— Que não contem comigo. Não gosto de alcaguetes e o desta noi...

— Por favor, Peter... Eu... Pensei que você tinha morrido ou caído em poder da polícia. Falcon contou o que houve. E os outros?

— Vou contar na frente desses dois, querida. Madison e Falcon levantaram os olhos das cartas e examinaram-no quando el entrou. O olhar de Dickson era frio ao máximo. Sem cumprimentar ou dizer qualquer coisa, sentou-se e acendeu um cigarro.

Como se já esperasse, "Mammie" afastou-se aos bamboleios, para reaparecer cinco minutos depois com uma garrafa de uísque e dois copos.

Sentou-se em frente a ele cruzando as pernas, mas Dickson não estava com humor para contemplar a formosa anatomia.

Bebeu um bom trago do copo que ela lhe entregou e depois cravou os olhos em Madison e Falcon, os quais, em silêncio também, não lhe tiravam os olhos de cima.

Suas palavras produziram um calafrio na espinha de "Mammie".

— Quero falar com o chefe, Madison — disse, friamente.

Madison estremeceu de leve na cadeira e depois riu:

— Tem muita gente que também quer, Dickson, eu em primeiro lugar. Contudo, preciso esperar que ele telefone.

Dickson levantou-se. "Mammie" viu que se aproximava da mesa.

— Não minta, Madison. Aposto o que quiser como você pode falar-lhe... E é melhor que o faça logo. Imagino que já soube por Falcon o que houve esta noite. Mas ainda falta a outra parte, a que eu vou contar. O que aconteceu foi provocado por alguém que "cantou". Foi você, Madison? Ou o próprio Murdock, desejando desfazer-se de algum homem que o incomode?

— Você está passando da medi...

— Feche o bico e escute, Madison! Vi três dos nossos morrerem esta noite, apesar da simplicidade do plano. Chame Murdock, Madison. Não precisa dar-me o número, nem vou tentar averiguar algo que não me diz respeito. Só que existe um delator entre nós e eu vou dizer isso a ele. E tem mais, Madison. Vou mandá-lo para o inferno! Não gosto de trabalhar com pessoas nas quais não se pode confiar. Está claro?-

Madison deu uma risadinha.

— Suponha por um momento que realmente eu saiba para onde devo telefonar e que, mesmo assim, não queira fazê-lo. O que aconteceria, Dickson?



— Tratando-se de uma suposição, nada, Madison. Se for uma certeza, matá-lo-ei se se negar. Estive esta noite a ponto de perder a vida e não vou ficar no ar. O que você resolve, Madison?

O "gangster" levantou-se e os dois homens entreolharam-se.

— Vou chamar o chefe, não porque você está mandando, Dickson, mas porque acho conveniente. Depois eu e você conversaremos a respeito de algumas coisas que falou.

Dickson deu-lhe as costas e sentou-se em frente a "Mammie". Madison seguiu-o com os olhos. Em seguida, deu meia volta, atravessou o "hall" e entrou em uma das portas.

Dickson estava beijando "Mammie" quando Madison voltou.

— O chefe quer falar com você, Dickson.

No mesmo instante percebeu que não havia animosidade na voz dele. Sem dar a entender a estranheza que sentia, levantou-se e foi atrás dele, seguido por "Mammie".

O aposento era um gabinete luxuosamente mobiliado. Em cima da mesa havia um telefone com o fone fora do gancho e Dickson pegou-o assim que entrou.

— Murdock? — perguntou.

— Sim. Que, demônios, contou-me Madison, Dickson?

— Não sei. Não estava presente, mas se está se referindo ao que houve esta noite, tenho algo a dizer-lhe: nego-me a trabalhar com qualquer um dos seus homens. Não gosto de delatores, como já disse uma vez, Murdock. Portanto, vou deixar esta casa e dar o fora. Trabalhando sozinho o risco é muito menor. Confio em mim mesmo e isso é o bastante. Está claro?

— Muito claro, Dickson. Mas você não vai fazer nada disso. Sabe por quê? Porque preciso de você para depois de amanhã... E então não haverá fracasso. Tem certeza de que houve delação, Dickson?

— Diga-me o contrário e prove-o, Murdock. Não me interessa quem é você, mas não gosto de correr riscos sem necessidade. Eu poderia ser um dos presuntos esta noite e fui obrigado a fugir por meus próprios meios... — e em seguida contou a versão pessoal dos acontecimentos, para terminar, dizendo:

— Outro delator e fico sem a pele, Podem ir para o inferno!

Murdock respirou forte do outro lado da linha. Dickson ouviu-o claramente e perguntou-se em que estaria pensando.

— Ouça, Dickson: não tolero que ninguém me fale desse modo. Já devia saber disso. Fique aí até receber notícias minhas. Vou investigar o que houve. Se alguém delatou, levá-lo-ei até o homem que falou. De acordo?

— Sim. Devo permanecer encerrado aqui até que telefone?

— Está livre até amanhã, inclusive à noite, que pode aproveitar como quiser. Telefonarei depois de amanhã. Entendido, Dickson?

— Sim. Vou levar "Mammie" comigo. Gosto da gorota, chefe.

Murdock desligou, Dickson fez o mesmo e encarou Madison:

— Agora podemos falar sobre sobre o que você quisier, Madison — disse, friamente.

O "gangster" fitou-o de cima a baixo.

— Algum dia vou lhe quebrar a cara, Dickson — respondeu, suavemente.

— Pode começar agora, estou esperando, Madison. - O "gangster" deu meia volta e saiu dali, seguido

pelo silencioso Falcon. Dickson viu-os partir e virou-se para contemplar "Mammie". Num segundo ela estava em seus braços, beijou-a e a mulher falou:

— Tenho medo por você, querido — sussurrou. — Madison já matou alguns homens e o matará também, se não tiver cuidado.

Ele riu, parecendo muito divertido.

— Não tema, doçura — replicou depois. — Madison tem medo também...

— Não é apenas Madison, Peter. Trata-se do chefe, pois até hoje ninguém o tratou como você. Murdock não vai se esquecer disso, e se agora silencia é porque precisa dos seus serviços para algo. Não foi o que lhe disse?

— Esqueça isso, querida. Agora vá dormir. Amanhã andaremos um bocado por aí.

Levou-a até a porta do quarto dela. Uma vez ali, "Mammie" ofereceu-lhe os lábios, mas Dickson evitou-os. Não por falta de vontade, mas porque ela disse:

— Não sei o que há com você, Peter... Se você, me ama, está muito estranho, mas... Não, Peter, você parece ser de outra classe.

Dickson enrijeceu os músculos, mas conseguiu manter o rosto impassível.

— Demônios, "Mammie"! — replicou. — Como é que pode imaginar isso? — e acrescentou, em tom jocoso: — Agora, se quer fazer uma festa, basta contar a Madison. Em seguida, poderá apreciar alguns fogos de artifício...

Ela negou com a cabeça, apertando-se mais a ele.

— Algumas vezes me pergunto se você é tolo, Peter. Será que ainda não percebeu que o amo?

Dickson fitou-a com ar feliz.

— Confesso que não sabia, Jana. Foi uma surpresa para mim!

— Tolinho! Mas que...

"Mammie" preferiu beijá-lo antes de terminar o que ia dizer. Assim, quando recuperou o fôlego, inquiriu:

— Quem é você na realidade, querido?

Dickson apertou os olhos e ela teve medo da expressão dele.

— O que pretende insinuar, "Mammie"? — perguntou com voz rouca.

Como única resposta, ela empurrou-o para dentro do quarto. Fechou a porta e encarou-o, sustentando o olhar dele corajosamente.

Com as lindas mãos sobre os ombros dele, falou, lentamente:

— Nada importante, Peter. Absolutamente nada, entendeu? Eu... Eu tive uma infância infeliz. Meu pai era "gangster" e minha mãe... É melhor não falarmos nela. Criei-me neste ambiente. Sou... Uma coisa qualquer. A única coisa boa nisto tudo é meu amor por você. O resto não importa, Peter.

Os olhos de Dickson estavam extremamente duros. Com voz despida de qualquer sentimento, replicou:

— Continuo sem perceber, "Mammie". O que quer dar a entender?

Ela o abraçou, fitando-o nos olhos, com os lábios entreabertos num convite silencioso.

— Que devia ter mais confiança em mim, querido — sussurrou. — Não estava tão embriagada quando você falou que ia ao lavatório. Sei que não foi lá... Eu... É algo que me preocupa pessoalmente, querido, mas existem Madison e Murdock... Se eles souberem disso e de que o roubo fracassou em seguida, tirarão as próprias conclusões. Receio por você, Peter.

Os olhos de Dickson pareciam apenas uma fresta estreita. Contudo, mesmo assim, "Mammie" pôde ver como brilhavam.

— Fui onde lhe disse, "Mammie" — replicou.

— Sim, querido. Foi o que eu disse também. Não passou... De um comentário entre nós.

— Comentários que não aprecio, doçura.

— Sim, Peter. De acordo. Não direi mais nada. É preferível isto.

E enlaçou o pescoço dele. Dickson inclinou-se para beijá-la, segurando-a pela cintura, aspirando o perfume de mulher formosa, mas com o pensamento voltado para o que ela dissera.

Pela primeira vez em muito tempo, seu cérebro lhe ordenava que saísse dali, abandonando tudo.

Mas não pôde.

## CAPÍTULO XII

O automóvel era um Bentley de oito lugares, pintado na cor de café com leite. Estava estacionado na calçada da direita, em frente a uma das portas do Madison Square Garden.

Dickson percebeu o carro assim que entrou na Rua 41 e parou diante de umas vitrines, observando o Bentley disfarçadamente.

Feito isto, continuou andando. Parou para ler o cartaz anunciando para aquela noite dois conhecidos pesos-pesados que botavam as tripas pela boca no meio do ringue e depois prosseguiu a caminhada.

Chegando à altura do Bentley, lançou-lhe um olhar de esguelha e não pôde conter um sobressalto. Em frente ao volante estava uma loura.

Passou ao largo, dizendo-se que, pela primeira vez desde que começara a trabalhar para Murdock, valia a pena ter-se metido naquela embrulhada. Isso, é claro, depois que descartasse "Mammie", procurando não pensar no perigo que ela representaria, caso resolvesse falar.

Dez jardas além ele parou. Consultou o relógio, olhou em volta, pegou um cigarro na cigarreira e aproximou-se do carro. A loura estava fumando e Dickson encostou-se à porta.

— Pode arranjar-me fogo, "miss"?

Ela levantou os olhos para fitá-lo e Dickson notou que eram intensamente verdes, fitando-o com indiferença.

— Por que não? — fez uma ligeira pausa e perguntou, parecendo não dar importância, oferecendo-lhe o cigarro para acender: — Gosta de Nova Iorque?

Dickson acendeu o cigarro. Aspirou uma, duas baforadas com deleite e replicou:

— Prefiro Filadélfia, "miss".

Ela riu, mostrando uma fileira de dentes iguais a pérolas, juntamente com uma garganta lisa e alva.

— Não estamos de acordo.

Aquela era a senha. Dickson afastou-se da porta, deu a volta por trás do Bentley, abriu e entrou, acomodando-se ao lado da loura, depois de lançar-lhe um olhar que a abarcou dos pés à cabeça.

Ante um corpo como aquele e semelhantes curvas, "Mammie" se eclipsava inteiramente. Lamentava por "Mammie", claro.

Foi o que Dickson pensou, sem parar de contemplá-la, enquanto ela arrancava.

Umhas jardas além, atreveu-se a perguntar:

— Para onde vamos?

— Para Long Island. Pelo caminho explicarei o que vai fazer.

— Enquanto isso, quero apresentar-me. Meu nome...

— Já sei — atalhou ela. — Peter Dickson.

— Caramba! Você é das que sabem tudo, heim?

— Recebi instruções. É só o que interessa, portanto. Sua curiosidade deve ficar satisfeita com isto, entendido?

— Como não, doçura?

Refastelou-se no assento, aspirando longamente a fumaça do cigarro. Exclamou:

— Ainda não me disse como se chama, beleza. - Ela lhe atirou um rápido olhar de esquelha e retrucou.

— Chamo-me Donna Garner.

— Para sempre... Ou por esta noite, apenas?

— Somente por esta noite, Dickson.

— E eu, como devo chamá-la?

— Dir-lhe-ei mais adiante. Agora, ficar-lhe-ei grata se fechar o bico.

— Infernos, a gatinha tem unhas!

— Poupe seus comentários estúpidos, imbecil!

— Obrigado, querida. Nunca fui elogiado de modo tão agradável.

E fechou os olhos, deixando de ver o furioso olhar que ela lhe dedicou.

Faltavam duas milhas e meia para chegarem quando Donna parou o carro. Dickson abriu os olhos e fitou-a.

— Já chegamos, tesouro?

O olhar da mulher estava esquisitamente turvo.

— Deixe de bancar o engraçadinho, que não lhe assenta, e ouça. Já ouviu falar nos Benton?

Dickson franziu as sobrancelhas.

— Refere-se aos Benton de Long... ?

— Exatamente — cortou ela. — Iremos à casa de campo que possuem em Long Island. Como já ouviu falar deles, deve saber que são uma das famílias mais afortunadas de Nova Iorque. Isso é o que dizem todos, mas a única que tem o talão de cheques é Barbara Benton. Além do talão referido, tem a mania de colecionar joias preciosas, algumas delas raríssimas. Outras, históricas, como a que exibirá esta noite durante a festa, isto é, um "pendentif" de diamantes e esmeraldas que pertenceu à Rainha Vitória. Seu valor atual no mercado é avaliado em um milhão e duzentos mil dólares. Precisamos aliviá-la dessa joia durante a festa.

— Demônios! E o chefe espera que seja eu o autor?

Ela riu suavemente e Dickson, apesar do estupor, desejou beijar aquela nívea garganta.

—«



— Nada disso. Você limitar-se-á a acompanhar-me na qualidade de meu marido. - Dickson pensou que ficaria bem. assim, muito bem mesmo. — Uma vez na festa, não perca ninguém de vista. Durante o baile e por volta da meia noite as luzes apagar-se-ão. Você precisará apenas se colocar junto ao corredor nessa ocasião. Portanto, quando isso acontecer, providencie para que ninguém possa sair por ali. Isto é tudo!

— E quando as luzes voltarem, o que farei?

— Não se preocupe. Tudo foi previsto.

— E minha doce esposa?

— Preocupe-se apenas com você.

— Muito bem, querida. E agora, outra coisa. Como entraremos na festa?

Ela abriu a bolsa e tirou dois cartões. Entregou-os e Dickson viu que estavam impressos com os nomes de Dick Laringuer e esposa.

— Murdock pensa em tudo — comentou. — Mas esqueceu-se de algo.

Agora foi ela quem ficou visivelmente intrigada.

— O que quer dizer, Dickson?

Ele olhou-a de cima a baixo com um olhar que era mais um insulto do que uma carícia.

A loura crispou-se, dilatando as narinas.

— Não me olhe assim, bastardo.

— Como devo olhá-la, garota?

Nesse ponto, Dickson percebeu os esforços que ela fazia para se controlar. Voltou à carga, esperando deixá-la completamente fora de si.

— Vou dizer-lhe o que suponho que Murdock se esqueceu. Esqueceu-se de dizer como devo tratar minha mulher. Verá se tenho alguma experiência, mas não sei se dará resultado.

Antes que ela percebesse o verdadeiro significado das palavras dele, Dickson enlaçou-a pela cintura, beijando seus lábios vermelhos. No mesmo instante sentiu um pontapé na perna, mas não a soltou,

A loura debateu-se em seus braços, mas vendo que por esse caminho nada conseguiria, estendeu a mão e rebuscou algo no bolso da porta do carro.

Dickson teve a primeira sensação de que algo não estava bem quando sentiu um objeto duro encostado nas costelas.

Soltou-a lentamente. Ela ainda estava enraivecida, com a respiração sibilante. Dickson viu a automática azulada que empunhava e já ia dizer alguma coisa quando a loura antecipou-se, espaçando as sílabas:

— Não tome mais nenhuma liberdade comigo ou encho-lhe o corpo de chumbo, Dickson. Entendido? Não precisa agir como se fosse realmente meu marido.

Dickson deslizou para o outro extremo do assento. Os olhos dela continuavam faiscando, fixos no rosto dele. Finalmente, ele replicou:

— De acordo, querida. Mas compreenda que preciso representar meu papel com perfeição, O que vai dizer a família Benton vendo-nos com este ar e sentindo a cerimônia do tratamento entre nós? — fitou-a longamente e acrescentou: — Desde que a vi, adivinhei que era perigosa. Não tem medo de nada, não é?

— Não, não tenho. E ouça, Dickson. Pouco me importo se tiver que matá-lo. Se me der oportunidade para isso...

— Uma pistola sempre é barulhenta, pimpolho.

— Uma pistola, é claro. Mas dentro da bolsa tenho uma pequena seringa. Bastaria uma ligeira picada em sua pele para mandá-lo para o inferno. Não se esqueça disso, querido — finalizou ela.

Dickson olhou-a de modo esquisito, parecendo duvidar das palavras dela. Enquanto falava, a jovem tinha abaixado a arma lentamente e então Dickson levantou o braço e atingiu-a no pulso.

A automática caiu no chão e Donna inclinou-se para apanhá-la. Dickson tornou a beijá-la e os dois entreolharam-se como galos de briga.

— Por ora está ganhando, Dickson — praguejou. — Não esq...

— Comporte-se bem, querida e tudo caminhará num mar-de-rosas. Murdock não gostaria que brigássemos agora. Vamos. Está ficando tarde. Quando à sua seringinha, guarde-a para uma ocasião melhor, tesouro.

Ela não disse nada, mas Dickson pôde ver o brilho mortal nos olhos dela. Soube então que ela tinha dito a verdade: matá-lo-ia gostosamente, sem o menor remorso, sem um único estremecimento. Sim, Donna Garner era uma mulher extremamente perigosa.

Chegaram por volta das onze e meia. Dickson consultou o relógio ao descer do Bentley e seguiu Donna com os músculos tensos.

Em frente a um enfeitado porteiro, ela parou para olhá-lo.

— Trouxe os convites, querido?

— Sim, claro.

Dickson enfiou a mão no bolso do paletó e entregou-os. Foram introduzidos e anunciados como senhor e senhora Laringuer.

Para seu espanto, foi apresentado aos donos da casa sem que eles dessem a menor mostra de assombro. Durante as apresentações de praxe, Dickson teve oportunidade de admirar o

"pendentif" exibido por Barbara Bento e refletiu que Murdock ficaria orgulhoso se conseguisse apoderar-se nessa noite de semelhante joia.

Procurou dialogar com a "doce esposa" e o conseguiu minutos depois, ao abordá-la levando duas taças de champanhe nas mãos.

— Os Benton não estranharam nossa presença, Donna — disse.

— Continua com a maldita curiosidade, Dickson — replicou ela, em voz baixa. — Qualquer dia isso pode lhe causar algum desgosto — calou-se por alguns segundos e depois resolveu contar a história: — É simples. Os Laringuer existem de verdade e vivem em Chicago. Têm um filho: você, no caso, o qual lutou na Birmânia na guerra passada, juntamente com o filho dos Benton. O jovem Benton morreu e ficou apenas você, um desconhecido, para recordá-lo. Alguém investigou tudo isso e não foi difícil conseguir um convite para esta noite. Em seguida verá, após o fim da festa, que vão convidá-lo de novo pra vir sozinho para que lhes fale do pequeno Bill. Felizmente você não terá tal compromisso — consultou o relógio — Faltam cinco minutos para a meia noite. Vá para junto do corredor e adeus, querido esposo. Fique certo de que lamento sua ausência no fim da festa. Gostaria de saber que histórias inventaria para satisfazer os Benton.

Dickson fêz uma careta e foi para o lugar indicado, pensando que Murdock possuía boas fontes de informação e que jamais deixava um fio solto. Não era então culpa da polícia, se ainda não tivesse sido preso.

Naquele exato momento as luzes se apagaram.

### CAPITULO XIII

Houve alguns segundos de profundo silêncio, repentinamente quebrado pela voz excitada de Barbara Benton:

— Oh! Fui roubada! — soltou um grito agudo. — Meu "pendentif"!

Dickson estava no meio do corredor, um tanto afastado do barulho, pensando em sua amada esposa de momento e se ali haveria mais homens de Murdock.

Achava muito possível, quando alguém chegou às carreiras. Dickson segurou o vulto com força, em meio à escuridão. Tocou o tecido do vestido e sentiu o perfume de uma mulher. Em seguida, um grito feriu seus ouvidos.

— Tranquelize-se — disse. — Estou evitando que alguém saia por aqui.

Sem descerrar os lábios, a mulher soltou-se com violência. Contudo, não tentou continuar e Dickson sentiu-a retornar para o meio do reboiço reinante.

Ouviu novos passos, adivinhando que era um homem e saiu-lhe ao encontro. Segurou-o também.

Recebeu o impacto do punho no ombro e a violência do golpe obrigou-o a girar sobre si mesmo, fazendo uma volta completa. Tropeçou na parede. Não via ninguém, mas ouviu a forte respiração do homem. Soltou a esquerda como uma catapulta.

Sentiu o choque do próprio punho contra algo maciço. Naquele momento as luzes se acenderam, tão rápida e oportunamente que Dickson ainda teve tempo de ver como o homem desmoronava.

Rodou duas vezes e sentou-se. Seus olhos estavam cheios de fúria quando o fitou.

— Que, demônios faz aqui? — perguntou de mau humor, como era lógico.

Levantou-se no justo momento em que Dickson respondia.

— Procurando impedir que saíssem. Segundo ouvi, um roubo foi cometido. Estava perto do corredor e pensei que faria um favor à família Benton agindo dessa forma.

— Muito esquisito isso, "mister" — replicou o outro. — Muito esquisito.

Dickson viu-se rodeado por uma multidão de olhares.

— O que tem de esquisito? — perguntou.

O homem era um dos convidados e lhe fora apresentado, mas Dickson não se lembrava do nome. Respondeu, em tom frio:

— Sim, pois o telefone da casa fica justamente neste lugar e o senhor evitou que se chamasse a polícia, dando tempo ao ladrão para fugir.

Dickson olhou em torno. Sua "esposa" desaparecera.

— Por que não a chama agora? — perguntou, procurando ganhar tempo.

O homem ia responder, mas o dono da casa o fez por ele.

— É o que faremos, embora isso agora não seja tão necessário. Proponho que o senhor seja revistado.

Dickson então teve uma ideia que qualificou de genial.

— Se seu filho vivesse, acho que não gostaria muito disso, Mr. Benton.

— Também não gostaria que o ladrão de um "pendentif" ficasse livre do crime, não, Mr. Dickson?

Virou-se como uma fera e então a viu. Yalu estava ali, vestindo um simples, mas elegante vestido de noite, com braços, ombros e costas desnudos, fitando-o com aqueles estranhos olhos rasgados de modo inquisidor.

— Não sei do que está falando, "miss" — replicou Dickson da maneira mais calma que conseguiu, enquanto revolia o cérebro, perguntando de passagem onde ela estivera escondida, já que não a tinha visto.

Talvez já estivesse ali quando ele chegara. Vira-o e se escondera em algum lugar para evitar o encontro. Sim, era o mais provável.

Yalu interrompeu seus pensamentos.

— Detenham esse homem! Pertence a uma quadrilha bem organizada e entrou aqui com nome falso para roubar. Segurem-no, e que alguém chame a polícia.

Dickson recuou um passo e ia dar outro quando um dos homens adiantou-se, apontando-lhe uma automática no peito.

— Não é preciso chamar a polícia — disse. — Sou policial. Portanto, Dickson, ou seja lá como se chame, irá comigo até que tudo isso fique esclarecido.

Deu um passo para ele, enquanto Dickson se julgava perdido. Yalu interveio, novamente:

— Pode-se saber quem é o senhor?

O homem meteu a mão no bolso e mostrou a identidade aos presentes.

— Sou o Tenente Jackson, do Departamento de Homicídios, "miss".

A gargalhada de Yalu assustou Dickson.

— Não acha tudo isso muito estranho, sr. Benton? — perguntou, afinal, dirigindo-se ao dono da casa. — Que eu não conheça meu próprio pai! Devo ser uma moça esquisita!

Dickson fitou o homem que tentara salvá-lo e então levou a mão à axila, sacando a "Parabellum". As mulheres gritaram, quando ambos atiraram nas lâmpadas.

Correu então pelo corredor às escuras, ouvindo os passos do outro às suas costas.

Alcançaram juntos a saída, enquanto o tumulto aumentava atrás deles. Uma luz brilhou em uma janela, enquanto chegavam ao lugar ocupado pelo porteiro.

O homenzinho lançou-se sobre eles, demonstrando grande valentia, mas Dickson deixou-o fora de combate com um golpe seco, que o atingiu na ponta do queixo.



O porteiro caiu como um fardo, ao passo que Dickson percebia que o Bentley, juntamente com Donna, havia desaparecido. Soltou um suspiro desanimado.

Olhou em torno. O homem pareceu adivinhar sua preocupação e sorriu-lhe.

— Vamos depressa, Dickson — falou. — Meu carro está embaixo das árvores e espero poder estar bem longe daqui quando a polícia chegar.

Correram como loucos. Alguém atirou contra eles de uma das janelas e Dickson sentiu o silvar do chumbo ao lado da cabeça. Não parou nem se virou.

Tampouco o fez o "gangster" que corria ao seu lado.

Realmente, o carro estava ali. Dickson pulou para ele, enquanto o outro já o esperava em frente ao volante. Mal tinha fechado a porta e o automóvel arrancou com violenta sacudidela.

Dickson perguntou:

— Para onde vamos?

— Para a estrada 23 Oeste, Dickson. - Fitou-o, espantado. O outro sorriu.

— Bem, vou apresentar-me. Chamo-me Bill O'Donell, e, como deve ter percebido, sou um dos homens de...

— Sim. Mas não compreendi de repente. — cortou Dickson. — Acho que devo agradecer-lhe, não?

O'Donell riu levemente.

Fizeram a viagem no mais completo silêncio.

"Mammie" foi a primeira a sair para recebê-los, mas não fez o menor gesto faceiro nem tentou beijá-lo. Dickson agradeceu-lhe intimamente, já que não estava com humor para isso.

De novo em frente a Madison, Dickson contou tudo o que acontecera nessa noite, deitando fel pela boca. Terminou dizendo:

— Pode entrar em comunicação com Murdock e dizer-lhe que terminei com ele e sua quadrilha. Essa garota, aquela Yalu que mantiveram aqui com vocês, é nada mais nada menos que a filha do Tenente Jackson, do Departamento de Homicídios. E estava lá, vigiando o "pendentif". Alguém delatou o que fora preparado para esta noite. E foi um dos nossos! Alguém que é delator há muito tempo, Madison! Caso contrário, como explicar a presença da filha de um Tenente de polícia junto a nós, em nosso próprio esconderijo? Sinta-se feliz por quererem apenas o chefe a estas horas, senão estaríamos todos em Sing-Sing. Corja de idiotas! Nem desconfiaram dela! Se não me acredita, pergunte ao O'Donell, Madison!

Ao falar, olhava para Falcon, mergulhado em silêncio, talvez para não perder o costume.

Madison calou-se por alguns minutos, pensando. Depois, respondeu:

— Averiguaremos isso, Dickson. Pode ter certeza. Agora é melhor que vá dormir. Está muito exaltado.

— Ao inferno com meus nervos!

— Pela primeira vez lhe peço para não ligar para isso, Dickson, Vá dormir que talvez amanhã haja trabalho.

— Não contem comigo. Que vá tudo para o inferno!

— Acho que vai gostar do trabalho de amanhã.

— O que você sabe?

— De concreto, nada, mas conheço Murdock.

Dickson soltou uma risadinha e virou-se de costas, tropeçando em "Mammie" que estava ao seu lado, segurando um copo de uísque. Dickson agradeceu-lhe com um sorriso e sentiu pena dela.

Esvaziou o copo de um gole e perguntou-se: "Por que não?"

A seguir, encarou Madison novamente, o qual o fitava com os olhos semicerrados.

— De acordo, Madison — disse. — Vou dormir, pois, pensando bem, estou mesmo cansado.

Não esperou resposta e começou a caminhar para a escada, com "Mammie" nos calcanhares, conforme esperava.

No primeiro patamar beijou-a no nariz, e no corredor, quase em frente à porta de seu dormitório, encarou-a.

— Quero fazer-lhe algumas perguntas, Jana — disse. — Posso?

— Pelo menos tente, querido — foi a resposta.

— Você tem bastante dinheiro, Jana? - Ela arregalou os olhos.

— O que pretende? Deixá-los, Peter?

Dickson esquivou-se à resposta. Em vista disso, ela continuou:

— Tenho algum, mas não é muito. Se esperar, posso trazê-lo.

— Espere, Jana. Tenho outra pergunta. Está mesmo gostando de mim?

— Não devia perguntar-me isso, querido. Acho que sabe disso muito bem, não?

— Iria embora se eu pedisse? Daqui desta casa, Jana?

Ela baixou os olhos ao compreender.

— É Yalu, não?

Agora foi Dickson quem a fitou intrigado.

— Como soube? — perguntou. — Vi-a apenas uma vez.

— Sim, eu o vi com ela. Pelo menos ao entrar em seu quarto. No dia seguinte, Yalu foi embora. Mas ela, segundo você, é... — arregalou mais os olhos e perguntou: — Peter, será que você também... ?

Calou-se, sem coragem de continuar e Dickson não esclareceu-lhe as dúvidas. Simplesmente tornou a perguntar:

— Você iria, Jana?

— Se você mandasse, sim.

— Muito bem. Qual foi o seu maior ideal na vida?

— Você, Peter — baixou os olhos e Dickson viu rosto dela enrubescer, talvez pela primeira vez em muitos anos. — Contudo, se estivesse inteiramente só, gostaria de afastar-me disso tudo, Peter. Montar uma pequena loja de flores longe daqui, em Chicago, por exemplo. Mas não tenho nem para o começo... Dickson enfiou a mão no bolso e Jana viu o rolo de notas verdes. Tentou protestar, mas ele lhe tapou a boca com a mão.

— Vou ajudá-la, Jana — disse. — Aí tem dez mil dólares. Vá o quanto antes.

Ela fitou-o nos olhos, deixando bem visível a hesitação. Em seguida, optou por pegar as notas e guardou-as no seio. Olhou-o, deu meia volta e disse:

— É o que vou fazer, Peter. Hei de fazê-lo... Por você. - Afastou-se rapidamente e Dickson percebeu que ela estava chorando.

Ele não se despiu. Estendeu-se sobre o leito tal como estava, com a mão sob a axila, acariciando a coronha da "Parabellum". Meia hora mais tarde entrou num sono profundo e reparador, motivo pelo qual não notou o que acontecia na casa, três horas mais tarde.

## CAPÍTULO XIV

Despertou lá pelas dez da manhã, tirou o traje a rigor, colocou outro mais de acordo com o lugar em que estava e desceu para o "hall".

Teve então duas surpresas, apesar de haver uma terceira à sua espera, coisa que também não sabia. A primeira, foi verificar que "Mammie" ainda estava ali e a segunda que, junto a ela, fumando um cigarro numa longa piteira de âmbar, estava Donna.

Junto às duas mulheres, avistou Madison, Falcon e o'Donell.

Desceu os degraus vagarosamente, sentindo todos os olhares fixos em seu rosto.

Aproximou-se da mesa e "Mammie" levantou-se, mas não se aproximou para beijá-lo. Disse apenas:

— Quer o desjejum aqui ou na cozinha, Peter?

— Prefiro na cozinha, "Mammie" — e depois acrescentou, encarando Donna: — Como vai minha deslumbrante esposa, meu bem?

— Vá para o inferno com suas brincadeiras, Dickson! Não gosto de você, entendeu? Estou esperando que tudo isso termine para beneficiar-me com sua ausência. Está claro?

— Como o Evangelho, menina. Algo mais?

— Sim — replicou ela. — Ontem à noite trouxemos um presente para você, da parte de Murdock. Está na adega.

Atirou uma chave que ele apanhou no ar, examinando-a por todos os lados como se fosse algo sumamente importante.

— Obrigado — disse depois. — Vou ver esse presente.

Deu dois passos, mas foi interrompido por Madison.

— Espere um pouco. Dickson. Trata-se de Murdock.

— Sim? E que ele quer?

— Virá esta noite. O "pendentif" está em seu poder e com isso sai de circulação. Mandou-me dizer-lhes que trará dinheiro, dólares suficientes para que possamos levar alguns meses de boa vida. Ah! Também não quer que ninguém saia desta casa até que ele tenha ido embora. Isso é para você, Dickson. Depois não diga que não o avisei.

Dickson captou a ameaça contida nas palavras de Madison e permitiu-se uma risada.

— Está bem — replicou. — Não vou me mexer daqui. Posso ir ver o tal presente?

Madison riu baixinho e o rosto de "Mammie" turvou-se um pouco, mas nada disse.

— Sim. Espero que goste dele.

Donna nem o olhou quando passou a seu lado. Dickson lançou uma olhadela fugaz àquela bolsa que, segundo ela, levava a morte sob a forma de uma inofensiva seringuinha.

Desceu à adega assobiando alegremente, pensando que talvez tudo não passasse de alguma brincadeira de Madison. Que presente Murdock poderia lhe mandar?

Contudo, era verdade. O presente estava ali, por trás de uma porta gradeada como as dos cárceres. Dickson adivinhou, embora não o distinguisse à primeira vista, mas por ouvir um leve rumor no interior daquela espécie de cela. Aproximou-se e de repente suspendeu a respiração.

Yalu estava ali. Ela estava com as roupas esfarrapadas, os olhos cercados de manchas violáceas e uma escura mancha no queixo.

Aproximou-se, tocando as grades com as mãos:

— Miss Jackson — chamou. — Aproxime-se. É importante.

Ela levantou os olhos para ele e Dickson não pôde ver ódio neles, mas talvez uma completa indiferença. Contudo, levantou-se, caminhando até a porta de grades.

— O senhor outra vez? O que quer? Veio zombar de mim?

Quando a chamara, Dickson já havia traçado um plano.

— Nada disso. Apenas dizer-lhe que tenha paciência por algumas horas. Logo vou tirá-la daqui.

— Espera que eu acredite em você?

— Não, mas é verdade. Ouça: o chefe de tudo isso, Murdock, virá esta noite. Antes eu vou descer para lhe trazer alguns sanduíches e para dar-lhe esta chave. Saia daqui e chame a polícia. Depois volte. Se não voltar, essa gente perceberá algo e talvez me matem.

— Com o que não se perderia grande coisa.

— Ouça, beleza — continuou. — Vai fazer o que estou dizendo. Meu nome é Jack Murphy e sou filho do inspetor Murphy, da Brigada de Homicídios. Estou para investigar e descobrir quem é o homem que se esconde sob o pseudônimo de Murdock. Fale com meu pai e diga-lhe que Murdock virá esta noite. Mais tarde talvez possa lhe dar atenção, bom.

Ela riu nervosamente.

— Agora mesmo é que não acredito.

— Pode dizer o que ganharia eu com essa mentira? Sem esperar resposta, Dickson deu meia volta e

regressou para o lado de "Mammie". Sem trocar uma só palavra com Donna, começou a jogar pôquer com Falcon, Madison e o'Donell.

As horas foram passando.

Eram sete e meia da noite quando Madison encerrou a partida. Como estava perdendo, Dickson olhou para ele.

— A que horas Murdock vai chegar? — perguntou. — Pergunto por que se ele ainda vai demorar poderemos continuar com a partida, Madison. Como vê, estou perdendo.

— Sei disso, mas estou nervoso. Os outros também.

Era verdade. Assim, Dickson deixou passar, também porque convinha aos próprios interesses. Olhou para "Mammie" e ela encarou-o.

— Faça alguns sanduíches, "Mammie" — disse. — Acho que meu presentinho está pensando que quero matá-la de fome.

— De nada lhe adiantará, deixe-a passar um pouco de fome. Acaso não sabe que Murdock quer que você a liquide, Peter?

Dickson olhou para Donna.

— É o que farei com prazer, querida esposa — disse, secamente. — Mas a garota é minha, segundo Murdock e vou alimentá-la agora. Vamos, "Mammie" — e fitou Madison. — Algum inconveniente nisso? — perguntou.

O outro encolheu os ombros, sorridente. "Mammie" foi para a cozinha e Dickson seguiu-a.

Demorou menos de cinco minutos para preparar tudo. Estendeu o prato para Dickson, ao qual fitou longamente.

— Pode se virar de costas? - Dickson fêz uma careta.

— Para quê? — perguntou, intrigado.

— Quero dar-lhe algo, querido.

Dickson obedeceu, perguntando-se o porquê tanto mistério. De repente ouviu o frufu do tecido de um vestido e em seguida, alguns segundos de silêncio.

— Pode se virar, Peter?

Foi o que fez. "Mammie" estava parada à sua frente, segurando uma automática "Colt" 32 pelo cano. Estendeu-a com um sorriso nos lábios.

— Não gostaria que ela ficasse sem uma arma, Peter. Pode dar-lhe esta. Está completamente carregada.

— Obrigado, "Mammie" — foi tudo que conseguiu dizer, adivinhando tudo.

Virou-se para sair, sem perguntar-lhe por que ainda continuava ali.

Ela o chamou e, ao virar-se, Dickson a teve nos braços no mesmo instante. Beijou-a outra vez, desta feita notando que aquele beijo não era como os outros, que tinha, pelo menos de parte dela, um toque de amargura, talvez uma muda despedida.

Dickson afastou-se sem nada dizer, e minuto depois estava em frente à porta gradeada. Yalu aproximou-se ao vê-lo, com os olhos grandes e negros isentos de qualquer expressão.

Dickson estendeu-lhe a comida.

— Pode comer o quanto quiser. Não está envenenada.

— Tanto faz, não? Ou julga que não sei o que me espera?

— Nada, se fizer o que eu disse. Vai fazer?

— Como posso acreditar?

— Ouça, beleza. Murdock virá esta noite, mas não pude descobrir a que horas — estendeu-lhe a chave e a arma. — Está carregada, ouviu? Use-a sem susto em quem tentar detê-la, mas procure não ser vista se não quiser que tudo vá por água abaixo. Já vou indo.

— Nem... Nem posso acreditar.

— Pois é verdade, beleza. Como também é meu desejo de que tudo termine bem. Acho... Sim, acho que chegaremos a ser algo mais que bons amigos, Yalu.

Ela guardou a arma no seio e agora o fitava com um dos sanduíches na mão. Dickson afastou os olhos, para dizer:

— Estou indo, Yalu. Sei que vai voltar. Quando o fizer, feche-se por dentro e abra apenas para mim. Atire se tentarem algo contra você. Adeus, tesouro!

Virou-se para sair. — Espere, Jack!

Virou-se e num segundo estava novamente junto às grades. Yalu fitava os varões de ferro com olhos insondáveis, repletos de mistério. Depois, encarou-o.

— Não sei — moveu a cabeça duvidando. — Não sei se vou conseguir dar-lhe um beijo através das grades, Jack. Quer se aproximar?

Agradavelmente surpreendido, Dickson, ou Jack Murphy, obedeceu, e Yalu conseguiu seu intento. Foi um beijo tão longo que ao soltar-se dos lábios de Dickson a respiração faltou-lhe por completo.

— Oh, Jack! — suspirou — Você é o homem mais corajoso que já conheci!

Com um sorriso nos lábios, Dickson deu meia volta e saiu. Contudo, ao chegar onde estavam os outros, seu aspecto mudou inteiramente. Fora da cabana, a escuridão começava a ser completa.

Donna continuava fumando e foi a única a perguntar, quando o viu chegar:

— Como vai a gata, querido?

— Bem. E tem mais, bombom. Beija muito melhor que minha querida esposa.

Donna fez uma careta de enfado e não respondeu, continuando a fumar em silêncio.

Dickson aproximou-se de uma cadeira e já ia se sentar quando Madison o interrompeu.

— Não, Dickson — falou. — Aí, não. Murdock disse que você ficaria junto à porta da adega. Eu onde estou, Donna ao lado da mesa com "Mammie", o'Donell e Falcon juntos,

perto da escada — fitou o relógio e acrescentou: — Acho que será melhor começarmos a ocupar nossos postos.

Dickson não protestou, caminhando para o lugar indicado, vendo que todos obedeciam em silêncio.

Passaram-se ainda duas longas horas antes que Madison, que ia e vinha até janela se aproximasse rapidamente do interruptor da luz, para em seguida deixar o aposento às escuras.

Dickson seguiu a difusa silhueta até vê-lo sentar-se no lugar que dissera. A tensão que reinava no ambiente tornara-se inteiramente irresistível, à medida que passavam os segundos.

De repente um vulto recortou-se na soleira da porta. Alguém, talvez "Mammie", fez um movimento nervoso.

— Que ninguém se mexa enquanto eu estiver aqui!

— Dickson notou que aquela voz não tinha sotaque estrangeiro. — Estão todos em seus lugares, Madison?

— Sim, chefe.

— Dickson?

— Junto à escada da adega.

— Donna, "Mammie"?

— Junto à mesa.

— o'Donell, Falcon?

— Ao pé da escada.

— Bem, não se movam — houve uma pausa e, em seguida, o desconhecido acrescentou: — Vim porque vou deixar os Estados Unidos. Portanto, o bando fica dissolvido. Quando partir, deixarei um envelope junto à porta. Madison encarregar-se-á de repartir o dinheiro entre todos vocês em partes iguais. Ficarão contentes, rapazes. Mas antes disso, quero falar com Dickson por alguns segundos. Continua aí?

— Completamente imóvel, Murdock. O que deseja?

— Você e Madison descerão à adega; aquela moça deve ser eliminada. É filha do Tenente Jackson, do Departamento de Homicídios e sabe demais. Depois, quando voltarem, quero conversar com você, Dickson, de modo muito especial. No automóvel tenho um sujeito que diz conhecê-lo, Dickson. Jura e torna a jurar que seu nome não é esse. Ele quer dar uma olhada em você. O que tem a dizer sobre isso?

— Simplesmente que está louco. Vou provar...

— Não se mova enquanto eu não mandar, Dickson!— ameaçou, notando o movimento de seu interlocutor na escuridão. — Agora recue e desça a escada. No quarto degrau espere que Madison se junte a você.

Dickson levantou-se com lentidão e, a seguir, obedeceu, tateando os degraus com os pés antes de resolver descer. Parou no quarto degrau.

Dois ou três segundos depois ouviu os passos de Madison que também descia a escada. Repentinamente, esta ficou inundada de luz e Dickson pensou que Madison apertara o interruptor. Virou a cabeça para encará-lo.

— Pode continuar descendo, Dickson — ordenou. Dickson desceu mais um pouco e logo parou. Madi-

son empunhava uma automática e Dickson levou a mão à axila, sacando a "Parabellum" com gesto rápido. No mesmo instante viu que Madison o vigiava apontando-lhe a automática.

— O que houve, Madison? Fica nervoso ao despachar uma jovem tão bonita quanto essa? Madison esboçou um sorriso.

— Continue descendo, Dickson — apressou.

— Não estou nervoso. O fato é que não confio em você. Isto é tudo.

Dickson tornou a rir e agora desceu sem virar a cabeça para trás. Madison acompanhou-o, quase encostado a ele. Dickson parou em frente à porta de grades.

— Vamos, tesouro — disse, após soltar uma risada. — Tenho aqui um amigo que deseja vê-la. Chegue até as grades, beleza.

Ouviram um roçar de tecidos dentro da cela e Dickson respirou tranquilo. Ela voltara... Ou não tinha saído. Atrás, sentiu a forte respiração de Madison. Precisava arriscar. Era agora ou nunca. Não sabia se Murdock lhe ordenara para liquidá-lo quando Yalu aparecesse em cena.

Respirou fundo e virou-se como um raio, segurando a pesada "Parabellum" pelo cano. O golpe bestial atingiu Madison em pleno queixo, apanhando-o completamente desprevenido.

Dickson ouviu o ranger dos ossos e não esperou para vê-lo cair.

— Vamos, menina — disse, rapidamente. — Saia daí! A fechadura girou por dentro e Yalu apareceu à sua frente.

— Fez o que eu mandei?

— Sim, Jack.

— Ajude-me, tesouro.

Uniu a ação à palavra e segurou Madison pelos braços. Os dois arrastaram-no para a cela. Dickson fechou a porta e depois olhou para ela.

— Venha — disse.

Levou-a para um lugar onde a adega fazia uma curva.

— Fique aí e não se mexa de jeito nenhum, Yalu, haja o que houver. Espero que nossos pais cheguem depressa — fitou-a em silêncio por alguns segundos e disse: — Agora, comporte-se bem, querida, e dê-me um beijo.

Ela o satisfez longamente e Dickson deixou-a sozinha. Junto à cela, escorregou a "Parabellum" para a mão e atirou duas vezes. Em seguida correu, escondendo-se junto à escada.

O resultado não se fez esperar. O'Donell perguntou do alto:

— O que houve? Foi a garota, não?

— Claro que não, o'Donell! Desça, é esse idiota do Madison. Diz que gosta da garota e não quer que a matem. Parece que ficou louco. Tive que dar-lhe dois tiros na perna. Ajude-me a levá-lo para cima.

O'Donell desceu rápido, seguido por Falcon. Dickson levantou a arma, segura pelo cano e deixou-a cair. O'Donell caiu de cabeça e Falcon desmoronou sobre ele, caindo também.

Quando tentou virar-se praguejando, Dickson deu-lhe um golpe,, atingindo-o na nuca com uma cutilada com a esquerda, para em seguida atingi-lo com a arma.

Arrastou-o para a cela ocupada por Madison e, agora, com a arma na mão, começou a subir a escada, resolvido a enfrentar Murdock e Donna.

Chegara ao meio da escada quando adivinhou que ele nunca se deixaria pegar. O ruído do ferrolho correndo na parte de fora iluminou-lhe o cérebro inteiramente.

Dickson subiu apressadamente até a porta e fitou os gonzos, com a "Parabellum" em punho. Precisou atirar cinco vezes para que o ferrolho se soltasse.

Abriu com um empurrão e saiu rapidamente para o "hall" escuro. De repente, algo se espatifou em sua cabeça e logo mergulhou na mais completa escuridão.

Quando voltou a si, duas horas mais tarde, não reconheceu o lugar onde se encontrava. Era um aposento bastante estreito, provido de uma mesa e duas cadeiras. Tentou se mexer, mas não conseguiu. Sentado numa das cadeiras estava o promotor do 5.º Distrito, Chick S. Davidson, olhando-o com ar divertido.

Só então percebeu que estava com os pés e as mãos amarrados. Ante seu ar espantado, Davidson riu e depois começou a falar:

— Surpreso, não? Sim, pois eu sou Murdock. Desde criança desejei dinheiro e poder. Sim, sou de boa família, mas meus pais davam-me pouca corda e nunca tive nada de meu. Inclusive agora, minha fortuna depende de uma tutoria, por estranho que pareça, em virtude da última vontade de meu pai. Incrível, não? — riu de novo. — Estão à nossa procura há um bocado de tempo e é por isso que a garota não está com você. É... A única coisa que lamento. Que aquela mestiça não lhe faça companhia. Sabe que vou matá-lo, não é? Mas não se alarme. Não vai ser agora. Já disse que estão atrás de nós. Quando o atingi, tentei descer até a adega por causa da moça e também para ver o que você tinha feito àqueles três idiotas. Pela janela avistei os automóveis que se aproximavam e então o trouxe para cá. Sabe onde estamos? Sob a adega. Não sorria, pois nunca nos encontrarão.

Calou-se, parecendo esperar algo, alguma pergunta do prisioneiro. Acertou.

— E Donna?

— Fugiu ao ouvir os automóveis, bem como "Mammie". Mas enquanto eu o trazia para cá, pude perceber que cada uma ia numa direção diferente. Espero que sejam detidas.

— E as joias?

— Estão aqui, ao nosso lado. Não teria muito trabalho em retirá-las do país. Sou político e por isso não seria revistado na Alfândega. Era muito simples. Agora vou ter que esperar mais um pouco antes de poder sair deste buraco. Lamento por você, já que terá que ficar aqui. Como é seu nome na realidade?

— Jack Murphy, senhor promotor. Sou filho do inspetor. ..

— Devia desconfiar de alguma coisa durante aquela fuga. Fui um idiota. Ainda bem que posso remediar em tempo.

Silenciou de novo e Murphy não disse mais nada. Para que, se já sabia de tudo? A única coisa que sentia não era perder a vida, mas sim que um homem como S. Davidson ficasse impune. Matá-lo-ia, sairia dali, e agora, com toda a quadrilha dissolvida, ninguém o ligaria a Murdock, e muito menos quando antes não havia a menor relação nesse sentido.

Sentiu-se repentinamente sonolento. Parecia-lhe sentir um cheiro meloso e adocicado... Aspirou cuidadosamente, fitou Davidson e viu que ele sentia o mesmo. Em seguida, o promotor levantou-se e deixou cair o cigarro que fumava, dando dois passos vacilantes em sua direção.

A última noção clara que teve das coisas foi quando viu Murdock caiu em toda a sua estatura. Em seguida, perdeu os sentidos pela segunda vez.

\* \*



Quando voltou a si, mais tarde, estava estendido no solo debaixo das árvores, com a cabeça descansando nas pernas longas e esbeltas de Yalu.

Olhou em torno e sorriu. Frente a ele estava seu pai, o Tenente Jackson e o Sargento Nolan.

— O que aconteceu? — perguntou num fio de voz.

— Nada de extraordinário, filho — replicou o inspetor Murphy. — Viemos a todo vapor, mas chegamos tarde. Não nos demos por vencidos, principalmente ao encontrarmos Yalu ao lado do presente que você deixou para nós. Começamos a procurar e foi Nolan quem descobriu o esconderijo por pura casualidade. Como sabe, ele não fuma e sentiu cheiro de tabaco... Começou a procurar, chamou-nos e todos nós começamos a revistar o chão. Há uma fresta perto de uma das janelas, justamente por onde saía o cheiro do cigarro de S. Davidson. Escavamos cuidadosamente e conseguimos vê-lo. Enquanto eu lhe apontava a pistola, temendo que fizesse algo contra você, Nolan e Jackson derramaram uma boa quantidade de éter pela fresta. Em seguida, precisamos cavar como loucos, até fazer um buraco bastante grande para descermos até lá. Depois, Davidson nos informou que a entrada fica por trás da biblioteca. Basta apertar uma das folhas da porta para que a portinhola secreta se abra. Levaram-no, bem como o cadáver de uma mulher. Encontramos na bolsa dela uma automática e uma pequenina seringa de injeção. Você sabe algo a respeito?

Jack Murphy esclareceu.

— Vou mandar que a examinem no laboratório. Agora, levante-se e vamos embora. Um policial tem outras obrigações mais urgentes, além de ficar por aí...

— Esquece-se de que ainda não sou policial, papai. Quando eu for, conversaremos. Agora prefiro falar com ela por alguns instantes.

Levantou-se e os outros partiram, deixando-os a sós.

Ficaram olhando-se em silêncio. Murphy pensava em Donna, que tinha se suicidado, e em "Mammie" que fora suficientemente esperta para escapar, se bem que nada havia contra ela, além da convivência com os "gangsters" da quadrilha de Murdock. Sentiu-se alegre com isto.

— Em que está pensando, Jack? - Olhou-a de frente e sorriu.

— Em nós — mentiu, com o maior cinismo e no tom mais convincente. — Por que não se comporta direitinho e...?

Yalu não o deixou terminar. Passou o baço no pescoço dele e beijou-o, apertando-se contra ele.

— Oh! — sussurrou depois. — Acho que, sabendo agora como você beija, não sei se poderei negar caso você me peça em casamento... Se bem que seja um pouco prematuro, querido.

— Talvez eu peça, se você me explicar esse estranho nome que você tem.

— Não há nada de estranho nele. Minha mãe era japonesa, Jack. Casou-se com papai em Tóquio e usei o sobrenome dela até agora. Vai me pedir em casamento?

Murphy encolheu os ombros.

— Preciso de mais provas de novo, tesouro.

E a prova que ela ofereceu com os lábios convenceu-o inteiramente.

